



1290003139



TCC/UNICAMP T235m

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Giselle Eliza de Carvalho Teixeira

200712450

# Memória: Educação Infantil na Perspectiva da Criança

Campinas

2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**Universidade Estadual de Campinas**

**Faculdade de Educação**

**Giselle Eliza de Carvalho Teixeira**

**Memória: Educação Infantil na Perspectiva da  
Criança**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentado à Faculdade de Educação da  
UNICAMP, para obtenção do título de  
Bacharel em Pedagogia sob orientação da  
Profa. Dra. Maria Evelyn Pompeu do  
Nascimento.

**Campinas**

**2006**

© by Giselle Eliza de Carvalho Teixeira, 2007.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	706-21107
V:.....	EX:.....
TOMBO:	3189
PROC:.....	148107
C:.....	D: X
PREÇ:.....	
DATA:	27/03/07
Nº CPD	10712

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

T235m

Teixeira, Giselle Eliza de Carvalho  
Memória : educação infantil na perspectiva da criança / Giselle Eliza de  
Carvalho Teixeira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientadores : Maria Evelynna Pompeu do Nascimento  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Memória. 2. Educação infantil. 3. Cultura infantil. 4. Educação de  
crianças. I. Nascimento, Maria Evelynna Pompeu. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-044-BFE

---

**Profª. Drª. Maria Evelynna Pompeu do Nascimento**  
**Orientadora**

---

**Profª. Mestra Sueli Helena de Camargo Palmen**  
**Segunda leitora**

## **Agradecimentos**

Dedico este trabalho às pessoas que fizeram parte desse momento da minha vida, influenciando direta e indiretamente a realização do mesmo, me incentivando, me ajudando, e me apoiando quando achava que não seria mais possível realizá-lo.

à Profa. Dra. Maria Evelyn por ter me orientado e ter me incentivado a continuar este trabalho.

à Diretora e professora que autorizaram a realização desta pesquisa na escola.

à minha família - Denise, Luiz, Pedro e Lipe - que me ofereceu todas as condições para a realização deste trabalho. Obrigada pelo carinho e amor de sempre!

às minhas atuais companheiras de república: Paloma, Juliana Almeida, Juliana Oliveira, Elaine e Ana, que me animavam nos momentos de cansaço e desânimo. E as antigas também: Mariana, Bete, Helô, Gláu, Verê e Claudinha, que muito me ensinaram e me alegraram no decorrer do curso.

às minhas amigas mais próximas da Faculdade: Mariana, Paloma, Luciane, Mônica, Samanta, Joice, Andréa, Carla, Letícia, Juliana e Márcia, que muito me ensinaram no decorrer da faculdade e se tornaram grandes amigas. E todas as pessoas que convivi na faculdade, pois se tornaram muito queridas e tornam essa fase da minha vida mais especial.

às minhas companheiras de trabalho do LaPPLanE: Adriana, Sueli e Maria Lígia e Prof. Newton Bryan pela compreensão e conselhos. Em especial a Sueli que aceitou ser a minha segunda leitora.

Ao meu namorado Thiago e família pela torcida, pelo apoio, ajuda e carinho em todos os momentos.

Agradeço pela compreensão, pela força, pela ajuda e pela torcida de todos!!

## Resumo

Este trabalho teve como objetivos reconhecer a criança como um sujeito social ativo, produtor de culturas através de suas representações sobre a Educação Infantil e analisar os depoimentos das crianças entre oito e nove anos de uma escola estadual do distrito de Barão Geraldo, percebendo suas sensações, impressões e concepções sobre a educação infantil.

Para coletar as falas das crianças, escolhemos a entrevista semi estruturada, e desenvolvemos uma atividade com "caixas de memórias" inspirada no artigo de Fernandes e Park (2006). A "caixa de memória" possui objetos que possam ser suportes para disparar histórias sobre as experiências na educação infantil das crianças.

Acredito ter alcançado os objetivos deste trabalho em dois aspectos relevantes. Primeiro por ter conseguido me comunicar com as crianças e ouvir suas sensações, lembranças e reconstituições do que para elas significam a Educação Infantil.

Como segundo aspecto, refiro-me ao reconhecimento da criança como um sujeito social ativo, produtor de culturas através de suas representações sobre a Educação Infantil. Através das falas das crianças pude perceber como temos a oportunidade de nos aproximar mais deste grupo pouco conhecido pelos adultos, pois as falas das crianças mostraram suas manifestações culturais, que possuem características tão singulares, como o imaginário, a fantasia e o lúdico.

Além disso, com o intuito de ouvir o que as crianças têm para nos dizer sobre a educação Infantil, este trabalho conseguiu abarcar a memória como uma possibilidade de estudo das culturas infantis, possibilitando um entendimento da construção de significados marcados pela fantasia e pelo lúdico, dentro dos diferentes tempos vivenciados pelas crianças desta pesquisa, mesmo que estes tempos estejam se misturando na fala das crianças, evidenciando a construção das identidades das mesmas, uma vez que a memória se modifica conforme os sujeitos vão mudando.

*Palavras-chave: Educação Infantil, Memória, Culturas Infantis.*

## Sumário

<b>1 – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1 – Metodologia.....	3
<b>2 – NOVOS PARADIGMAS: NOVO OLHAR PARA A CRIANÇA.....</b>	<b>10</b>
<b>3 - MEMÓRIA: UMA FONTE DE PESQUISA .....</b>	<b>18</b>
<b>4 – OUVINDO O QUE AS CRIANÇAS TÊM PARA NOS DIZER .....</b>	<b>23</b>
4.1 - Menino não brinca com menina, menina não brinca com menino! .....	24
4.2 – A gente brincava!! A gente bagunçava!! A gente enganava!! .....	29
4.3 – A gente enganava a professora! A professora era chata legal! .....	36
4.4 A gente Fazia lição! A gente sente saudade!.....	39
<b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>47</b>
Diário de Campo.....	48
Roteiro de entrevista.....	53
Transcrição da Entrevista .....	54

## 1 – Introdução

O que crianças que já passaram pela educação Infantil podem nos dizer sobre a Educação Infantil? Sobre o que as crianças conversam? Como elas se sentem na escola? O que elas pensam da escola? Da professora?

Este trabalho teve como objetivos reconhecer a criança como um sujeito social ativo, produtor de culturas através de suas representações sobre a Educação Infantil, analisar os depoimentos das crianças entre oito e nove anos de uma escola estadual do distrito de Barão Geraldo<sup>1</sup>, percebendo suas sensações, impressões e concepções sobre a educação infantil.

Este trabalho inicia-se abordando o referencial teórico que embasa a análise dos depoimentos das crianças. No primeiro momento intitulado “Novos Paradigmas: novo olhar para a criança” discuto os conceitos de socialização e cultura que abordam a criança como um sujeito participativo das relações sociais e produtor de culturas dentro de um modelo interativo de socialização, revelando a importância de se ouvir a voz da criança, desconstruindo o olhar adultocêntrico, com o qual a sociologia e demais ciências estudaram a criança durante muitos séculos.

No segundo momento, o qual denominei de “Memória: uma fonte de pesquisa”, discorro sobre a relevância da memória como fonte de pesquisa e uma possibilidade de pesquisa dentro do novo campo da sociologia da Infância, para conhecermos as manifestações culturais das crianças.

---

<sup>1</sup> O nome da Escola e as identidades dos sujeitos de pesquisa serão preservados, conforme previsto nas autorizações assinadas pelos pais das crianças.

Na parte intitulada “Ouvindo o que as crianças têm para nos dizer” o leitor terá contato com as falas das crianças sobre suas vivências na Educação infantil, que revelam relação de gênero, relação criança/criança e criança/adulto.

Cabe colocar que os depoimentos foram transcritos com fidedignidade, no entanto como as falas se apresentam de forma menos formal, em alguns momentos para facilitar a compreensão das mesmas, foram realizadas algumas alterações mantendo integralmente o sentido.

## 1.1 – Metodologia

Coletar o depoimento das crianças para esta pesquisa foi uma tarefa difícil de ser realizada, em partes por eu não ter experiência na pesquisa acadêmica e por outro lado, por se tratar de um tema em um campo ainda incipiente, onde as metodologias de pesquisas com crianças estão sendo discutidas e criadas.

Entrevistar um grupo de crianças, buscar conhecer suas manifestações culturais e reconhecer a criança como um ator social exige um exercício de reflexão sobre o que tem sido produzido sobre metodologias de pesquisa com crianças.

Conforme Quinteiro (2002), pouco se conhece sobre as *culturas infantis*, pois não se escuta, não se ouve as crianças. Além disso, se encontram muitos desafios por se tratar de um campo novo e não muito confiável entre as ciências da educação no âmbito da sociologia, embora se venha crescendo os estudos e aplicações de metodologias.

Quinteiro (2002) chama a atenção para este aspecto, citando o fato de não constar nenhum título referente explicitamente à criança ou à infância desde 1986 na Revista Brasileira de Ciências Sociais (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais).

Para Demartini (2002) a sociologia tem chamado a atenção para o processo da socialização das crianças, que a preocupa desde suas origens, mas que tem sido pouco estudado, sendo que há pouca coisa escrita, e que muito do que é produzido tratam todas as crianças como se pertencessem ao mesmo grupo. Ela ressalta a necessidade de se debruçar mais nos estudos voltados à criança, com o intuito de

conhecer seus processos de interação social e produção cultural. Nesse sentido ela aponta a importância dos relatos orais de crianças.

Cabe colocar que para além da abordagem das culturas infantis, nesta pesquisa propus-me ouvir os relatos das memórias das crianças sobre suas experiências na educação infantil. Desta maneira, discutir sobre as possibilidades que a memória nas pesquisas com crianças podem oferecer para compreender melhor as culturas infantis, faz parte de mais um desafio do tema proposto.

Conforme Fernandes e Park (2006) está ocorrendo um crescimento vertiginoso das produções intelectuais envolvendo a temática memória. No entanto, estão percebendo uma concentração desses trabalhos nas populações adultas e velhas. Recentemente, os jovens vêm recebendo maior atenção e preocupação para narrarem suas memórias.

E com relação às crianças, não tem sido comum encontrarem-se trabalhos relacionando as duas temáticas: infância/crianças e memória, embora aquelas, seguramente, nos ofereçam novas possibilidades de conhecimento ao falarem de si e por si, a partir de suas memórias recentes, sejam elas visuais ou orais (Fernandes e Park, 2006: 56).

Partindo das considerações feitas sobre as pesquisas com crianças, entendi que esta pesquisa se encaixa nas abordagens qualitativas de pesquisa, uma vez que esta abordagem de pesquisa segundo Lüdke e André (1986) apresenta as seguintes características, que se enquadram na maneira que o tema deste trabalho é abordado:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos;
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;

4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador;
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Para coletar os dados optamos pela entrevista semi estruturada, para qual elaboramos um roteiro de perguntas<sup>2</sup>. Os sujeitos desta pesquisa são crianças de uma Escola Estadual de Barão Geraldo, Campinas, na qual estagiei no ano de 2005, criando um vínculo afetivo e um bom relacionamento com as crianças. Escolhi as crianças da segunda série desta escola em Barão Geraldo, tendo em vista a importância de se ter um bom entrosamento com os sujeitos entrevistados, que precisam se sentir a vontade para vasculhar e relatar as suas memórias.

A minha preocupação inicial foi como conseguir estimular as crianças a buscarem suas lembranças, assim como propiciar um ambiente informal, no qual elas se sentissem mais à vontade para expor suas memórias, sem que se sentissem invadidas por uma estranha.

Segundo Demartini (2002), para se entrevistar uma criança deve-se estabelecer um vínculo e assegurar de que ela queira participar da entrevista.

Antes de iniciar a conversa com as crianças sobre suas vivências na educação infantil, expliquei que havia escolhido a turma deles para participarem do meu último trabalho de faculdade para eu poder ser professora. Para eu fazer esse trabalho, tínhamos que conversar sobre as lembranças deles de quando estavam na educação infantil. Ressaltei que só poderiam fazer esse trabalho com quem quisesse participar, e para a minha surpresa, a classe toda ficou empolgada e aceitaram participar da minha pesquisa. (Diário de Campo)

---

<sup>2</sup> O roteiro se encontra em anexo.

Como exposto anteriormente, me preocupei em propiciar um ambiente confortável e estimulante para a realização das entrevistas. Inspirada pela pesquisa de Fernandes e Park (2006), programei uma ida à escola, antes de iniciar as entrevistas, com o intuito de realizar uma atividade que estimulasse as crianças.

As autoras Fernandes e Park, no artigo "Lembrar-esquecer: trabalhando com as memórias infantis" trazem um estudo que me auxiliou na abordagem da temática memória com crianças. Neste artigo, os autores se baseiam nas obras que discutem velhice e memória com a proposta de construção de conjuntos fotográficos e da metodologia de análise para elaborar um exercício/desafio para crianças entre 9-10 anos. Além disso, fazem uma discussão de como as memórias das crianças podem ser construídas e organizadas com suportes como fotografias e mostram que intuitivamente ou reflexivamente, as crianças elaboram seus conceitos de memória, abarcando as lembranças e os esquecimentos.

O trabalho anterior à entrevista, que realizei com meus sujeitos de pesquisa, consistiu na montagem de uma "caixa de memória" com objetos que possam ser suportes para disparar histórias sobre suas experiências na educação infantil. Para isto, li para a turma o livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*.

Este livro foi escolhido, pois o personagem do mesmo monta uma cesta com objetos que para ele significava "memória". Com esta cesta cheia de memórias, ele presenteia uma senhora do asilo, sua amiga, que diziam já não ter mais memória.

Assim, com a caixa cheia de objetos, que para a senhora eram carregados de significados, o menino resgatou muitas lembranças que estavam esquecidas para sua

amiga. Após a leitura do livro, propus que brincássemos de ser o personagem do livro e montássemos a nossa caixa de memórias sobre quando estavam na Educação Infantil<sup>3</sup>.

A reação das crianças foi de muita empolgação, fizeram muitas perguntas como 'Pode ser caixa de sapato?' 'Eu posso colocar o que quiser na caixa?' 'eu posso colocar foto, brinquedo?!' 'e biquíni, pode?!'. Este primeiro encontro com as crianças não durou mais do que meia hora, mas foi o suficiente para as crianças se interessarem pela pesquisa. Combinamos que nos encontraríamos dois dias depois com as nossas caixas de memória (Diário de Campo).

Precisei mudar algumas estratégias de coleta de informações devido a demora para conseguir autorizações dos pais, da direção e professora da escola, o que diminuiu o tempo para conversar com as crianças dentro escola. Não consegui realizar a primeira entrevista combinada com a turma dois dias após a leitura do livro por não ter as autorizações dos pais. Além disso, não foi possível realizar as entrevistas com grupos pequenos para não atrapalhar o planejamento da professora com as crianças, pois segundo a professora eu levaria mais tempo para realizar a atividade em grupos pequenos, atrapalhando desta maneira conteúdo programado para a turma.

Dessa maneira, após três semanas da minha atividade de leitura com a turma, consegui realizar as entrevistas devidamente autorizadas. No entanto, devido o excesso de tempo entre a atividade e a entrevista, algumas crianças se desinteressaram pela pesquisa e não participaram da entrevista, e outras não foram autorizadas pelos pais. Com isso, realizei as entrevistas com 15 crianças, das 31 que fazem parte da turma.

---

<sup>3</sup> Esta atividade foi inspirada em uma atividade semelhante, utilizando o mesmo livro, descrita no artigo "Lembrar-esquecer: trabalhando com as memórias infantis" de Fernandes e Park (2006).

Em alguns momentos, o número grande de crianças prejudicou a coleta de dados, pois as crianças queriam falar ao mesmo tempo, ou quando a fala estava centrada em uma criança, outras ficavam agitadas e começavam a conversar com o amigo ou levantavam para escrever na lousa. No entanto, também possibilitou aspectos positivos como: um ambiente favorável para as crianças ficarem mais a vontade para falar sobre suas histórias.

Neste grupo, apenas duas crianças não estudaram na mesma escola de Educação Infantil. O fato de muitas crianças ter vivenciado o mesmo espaço na Educação Infantil, algumas até na mesma turma, instigou as mesmas a quererem falar ao mesmo tempo, pois quando alguém citava uma situação, outras crianças que reconheciam o fato, queriam falar e narrar sobre o assunto também.

No entanto, ficavam eufóricos, sendo muito difícil conseguir que falassem um de cada vez. A solução que encontrei no momento foi conseguir a atenção de alguns e deixar as outras que estavam mais desconcentradas e outras desinteressadas escrevendo na lousa, ou saírem para voltar para a sala com a professora delas. De quinze crianças, apenas sete se envolveram mais na conversa contando sobre o que faziam na escola.

Realizei três encontros com o grupo, em uma sala de aula vazia. Estes encontros duraram vinte, quarenta e cinquenta minutos respectivamente, pois a partir dos trinta minutos de conversa, esta começava a perder o foco e as crianças ficavam bem agitadas, pedindo para ir ao banheiro ou beber água.

Apesar de ter conseguido poucos minutos de atenção das crianças, elas ficaram bem à vontade para falar sobre as suas travessuras para enganar os pais e as professoras, sobre suas brincadeiras, paqueras. As crianças estavam bem à vontade para contar seus 'segredos'. (Diário de Campo).

O objetivo de incentivar as crianças a buscar suas lembranças foi alcançado com esta atividade proposta. No entanto, apesar de ter trazido algumas contribuições positivas, a "caixa de memória" também atrapalhou em determinados momentos. A maioria das crianças ficava agitada e ansiosa para falar de suas caixas e mostrar suas fotos, brinquedos, desenhos e cadernos. Enquanto uma criança estava falando de uma foto para mim, a outra queria me mostrar uma atividade, ou fotos delas. Aquelas que estavam mais impacientes para falar logo e não tiveram atenção, ou ficavam mostrando os seus objetos para o colega, ou andava pela sala, me pediam para ir ao banheiro, ficavam brincando pela sala. Essa estratégia teria sido mais bem aproveitada, se o grupo de crianças fosse menor. Mesmo com estas dificuldades considero o resultado do trabalho positivo.

Outro fator, além da caixa de memórias, que contribuiu para deslanchar a conversa, foi o fato de a maioria das crianças terem estudado juntas. Apesar de quererem falar ao mesmo tempo, quando começavam a falar sobre as brincadeiras e travessuras, outras complementavam, trazendo mais lembranças.



**"Crianças Conversando"**

## **2 – NOVOS PARADIGMAS: NOVO OLHAR PARA A CRIANÇA**

## 2 – Novos paradigmas: Novo olhar para a criança

### *Conceito de Socialização e Cultura*

Esta presente pesquisa tem como pressuposto que a criança é um sujeito social, que experimenta o mundo social, se relacionando com seus pares e adultos, constituindo junto aos seus pares um grupo social como os adultos, entretanto com as suas especificidades, para as quais a sociologia e antropologia vêm construindo um campo de estudos. Um novo paradigma está sendo construído sobre a Infância e a Sociologia da Infância tem esse papel.

Para começar a pensar na criança como um sujeito social é preciso esclarecer de que tipo de socialização estamos abordando.

Segundo Plaisance (2004), socialização para a sociologia possui um conceito mais extenso do que pensar apenas em inclusão na sociedade e afastamento da família visando novas experiências em outras organizações sociais, como entende-se no senso comum. Para a sociologia, o termo socialização *“designa um processo geral, que abrange toda a vida humana, ou seja, que constitui os seres humanos como seres sociais”* (Plaisance, 2004: 224).

Ainda conforme o autor, as concepções contemporâneas de socialização entendem que a construção do ser social se dá por meio da interação de múltiplas negociações com seus próximos, e ao mesmo tempo, na construção da identidade do sujeito, sendo este o modelo interativo de socialização. Para Plaisance (2004) o conceito de socialização dado pelo sociólogo Dubet (apud Plaisance, 2004) mostra que:

socialização desenvolve-se como a construção progressiva de experiências sociais que os indivíduos devem dominar (...). Essa

maneira de socializar os atores é mais difícil, mais contraditória e mais heterogênea, que a do programa institucional.

Para Delgado e Müller (2005), entender a socialização como programação cultural, em que as crianças absorvem passivamente as realidades com as quais entram em contato é uma visão das teorias tradicionais. Nessa perspectiva, a criança passa pelo processo de adaptação e internalização da sociedade e entende-se a criança somente como consumidora da cultura estabelecida pelos adultos.

No entanto, ainda segundo as autoras, que abordam algumas considerações de Corsaro, as perspectivas teóricas interpretativas e construtivistas de socialização argumentam que as crianças e os adultos são participantes igualmente ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa de suas culturas. *"Não se trata de adaptação ou interiorização das regras, hábitos e valores do mundo adulto; elas atribuem significados ao mundo que as rodeia"* (Fernandes e Park, 2005: 163). Essa mudança no pensamento da Sociologia sobre as crianças e a infância, segundo as autoras, deriva do tratamento teórico sobre a socialização.

Conforme Sarmiento (2005), o objetivo da sociologia da infância é resgatar o conceito de infância que até pouco tempo era visto sob perspectivas biológicas e psicologizantes, que tendem a ver o desenvolvimento independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas, sobre e para elas. E mais do que isso, *"interrogar a sociedade a partir do ponto de vista que toma as crianças como objeto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre a*

*infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada”* (Sarmiento, 2005: 363).

Sarmiento (2000) faz considerações sobre o novo surto do discurso centrado na infância decorrente a crítica do conceito de socialização e do aumento da atenção dada para a criança na sociedade.

(...) contribui decisivamente o aumento da importância das crianças na sociedade contemporânea: as crianças são relevadas, antes de mais, porque em torno delas se constituiu um mercado global de produtos para a infância de importância económica estratégica; e pois, porque as crianças mobilizam contemporaneamente um número crescente de adultos que trabalham com crianças (...) finalmente, não menos importante, porque, as crianças estão a desaparecer na sociedade contemporâneas ocidental e a significativa redução do número de crianças na sociedade (Sarmiento, 2000: 149).

Cabe colocar, que para a Sociologia, segundo Sarmiento (2000, 2005), não é só as crianças que se tornaram objeto de estudo, mas também a infância, como categoria social do tipo geracional, ou seja, *“uma categoria estrutural relevante na análise dos processos de estratificação social na construção das relações sociais”* (Sarmiento 2005: 363).

Sendo assim, a sociologia está se propondo construir a infância como um objeto sociológico, sendo a infância concebida como *“uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social”* (Sarmiento, 2005: 363).

Para Sarmiento (2000), a infância possui características próprias de estudos que acredito serem importantes destacá-las:

- 1- A infância aparece como uma componente estrutural e cultural específica de muitas sociedades.
- 2- A análise comparativa e multicultural revela uma variedade de infâncias, mais do que um fenômeno singular e universal.
- 3- As relações estabelecidas pelas crianças devem ser estudadas por seu próprio direito, como um sujeito participativo das relações sociais.
- 4- As crianças devem ser vistas como atores na construção e determinação das suas próprias vidas sociais, das vidas dos que as rodeiam e as das sociedades em que vivem.
- 5- Proclamar um novo paradigma da sociologia da infância é também envolver-se no processo de reconstrução da infância na sociedade. E pensar também na própria reconstrução da sociedade, tendo em vista que a criança elabora culturas, e é um sujeito ativo na sociedade.

Além de interpretar a infância como categoria social, devemos atentar para a produção cultural desta categoria. Interpretar as culturas infantis também faz parte desse estudo.

Nesse sentido, precisamos entender outro novo paradigma relacionado às produções entre pares, ou seja a cultura. O que significa cultura?

Posso dizer que culturas estão relacionadas aos sentidos que os agentes da sociedade dão às suas práticas. Ou seja, já não se fala mais em costumes e valores, mas em sentidos.

é aquilo que faz com que as pessoas possam viver em sociedade compartilhando sentidos, por que eles são formados a partir de um mesmo sistema simbólico". (Cohn, 2005: 19) "... a cultura não está nos artefatos e nem nas frases, mas na simbologia e nas relações sociais que os conformam e lhes dão sentido (Cohn, 2005: 20).

Segundo a autora, a cultura está em constante mudança e formação. Neste sentido vamos pensar na situação da criança. A criança não pode ser mais vista como um representante de papéis, mas sim como mais um agente de sua sociedade, que produz sentidos. Seu papel agora, passa a ser ativo.

Ao contrário de seres incompletos, treinado para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo

competências e formando a sua personalidade social, passam, a ter um papel ativo na definição de sua própria condição (Cohn, 2005: 21).

Cabe ressaltar, que as crianças produzem culturas e nem por isso, “... os significados elaborados pelas crianças são qualitativamente diferentes dos adultos, sem por isso serem menos elaborados ou errôneos e parciais” (Cohn, 2005: 34).

Por outro lado, os sentidos produzidos pelas crianças partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos, ou seja, não há uma cisão entre o mundo das crianças e dos adultos.

Para Sarmiento (2000),

A interpretação das culturas infantis em síntese, não pode ser realizada no vazio social, e necessita de se sustentar na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem (p.159).

Müller e Delgado (2005) apontam que as crianças criam atividades baseadas no ato de brincar, na imaginação e na interpretação da realidade de uma forma própria dos grupos infantis. A constante atividade das crianças, as apropriações de elementos do meio sociocultural de origem só confirmam o que os/as sociólogos/as da infância enfatizam, principalmente, no que diz respeito à lógica peculiar das crianças, a qual é diferente da lógica dos adultos e que caracteriza suas culturas de pares.

Mas o que é cultura de pares? Para Corsaro (apud Müller e Delgado, 2005:163), cultura de pares é entendida como um conjunto de atividades, rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com seus pares, isto é, as crianças. Colocado isto, me questiono o que elas partilham, como elas significam as brincadeiras, as atitudes dos adultos, das meninas, dos meninos?

Segundo Delgado e Muller, Fernandes afirmava que existem culturas infantis construídas por elementos quase exclusivos das crianças e caracterizados por sua natureza lúdica.

Sobre a interatividade entre as crianças, Sarmiento (apud Delgado e Muller, 2005: 174) ainda explica que, antes de tudo, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comuns. Essa partilha de tempos, ações, representações e emoções é necessária para um entendimento mais perfeito do mundo e faz parte do processo de crescimento. A ludicidade para Sarmiento constitui um traço fundamental das culturas infantis, pois brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas atividades sociais mais significativas. O autor também ressalta que, contraditoriamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há disposição, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério.

No que diz respeito à fantasia do real, Sarmiento (apud Delgado e Muller, 2005: 174) explica que o “mundo de faz de conta” faz parte da construção da visão de mundo da criança e da sua atribuição do significado às coisas. A transposição imaginária de situações, pessoas, objetos ou acontecimentos está na base da constituição da especificidade dos mundos da criança, e é um elemento central da capacidade de resistência que as crianças possuem diante das situações mais dolorosas da existência. E é por isso que “fazer de conta” é processual, permite continuar o jogo da vida em condições aceitáveis para a criança. Por último destaca a reiteração ou a não lateralidade que tem o seu complemento na não linearidade temporal.

O tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido.

Pinto e Sarmiento (apud Muller e Delgado, 2005: 164) reconhecem a capacidade simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, ou seja, em culturas.

Para os autores, a identidade das crianças é também a identidade cultural, ou capacidade de constituírem culturas não totalmente redutíveis às culturas dos adultos. Todavia, as crianças não produzem culturas num vazio social, assim como não tem completa autonomia no processo de socialização. Isso significa considerar que elas têm uma autonomia que é relativa, ou seja, as respostas às reações, os jogos sociodramáticos, as brincadeiras e às interpretações da realidade são também produtos das interações com adultos e crianças. É necessário considerar as condições sociais nas quais vivem, com quem interagem e como produzem sentidos sobre o que fazem. Isso implica considerar o conceito de reprodução interpretativa, apresentando por Corsaro (apud Müller e Delgado, 2005: 164).

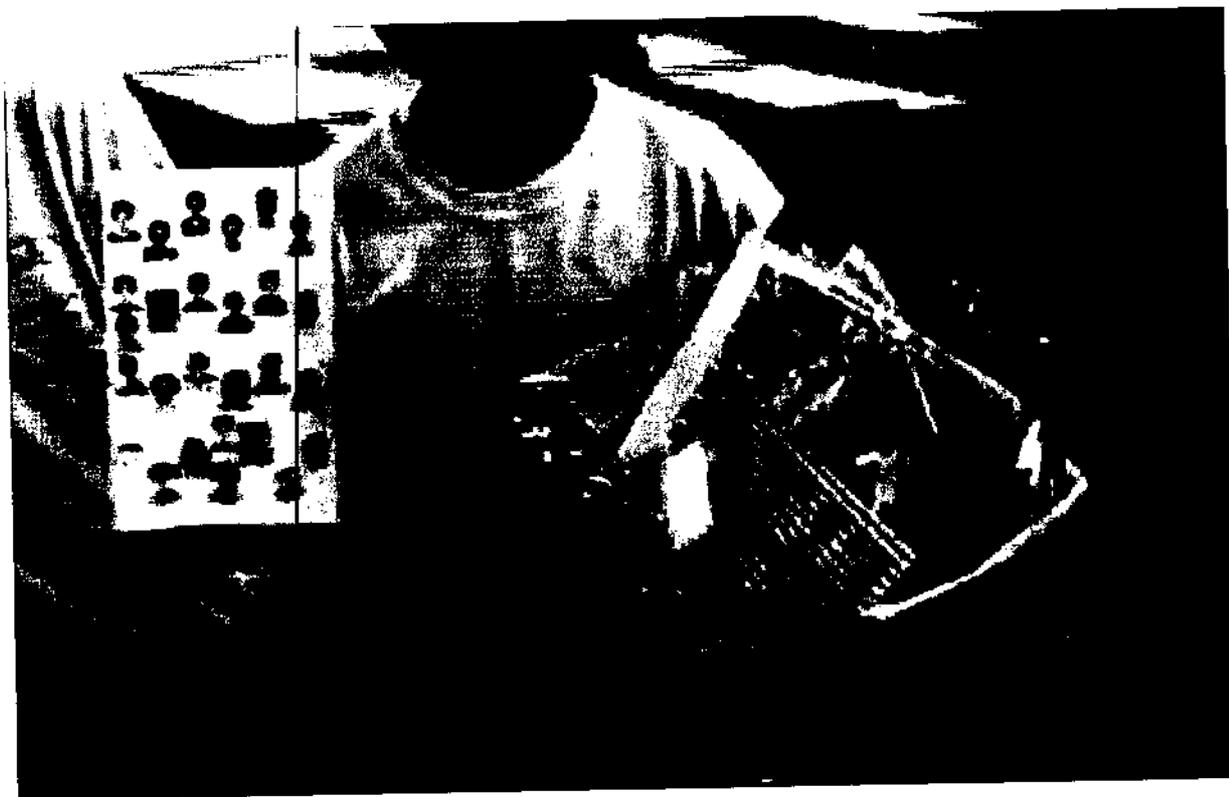
O termo reprodução captura a idéia de que as crianças não estão simplesmente internalizando a sociedade e a cultura, mas estão ativamente contribuindo para a reprodução e a mudança cultural. O termo interpretativa remete-se aos aspectos inovadores e criativos da participação da criança na sociedade.

Autores como Guattari (apud Müller e Delgado, 2005: 175) explicam que a criança vive sua relação com o mundo de um modo extremamente criativo, porque é impulsionada, predominantemente, pela força do desejo, pois compreendem que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, que recusam todos esses modos de enquadramento cultural preestabelecidos, por intermédio dos modos de

criatividade que produzam uma subjetividade particular, a qual coincida com um desejo, com um gosto pela vida.

Nesse sentido, Müller e Delgado abordam Souza que fala sobre a necessidade de compreender a sensibilidade e a imaginação como formas legítimas de conhecimento sobre as questões humanas e sociais nas pesquisas que focalizam as crianças e as suas culturas, a partir das vozes e ações dos grupos infantis, até agora marginalizados ou representados segundo nossas visões “adultocêntricas” das infâncias.

Na visão de Souza (apud Müller e Delgado, 2005: 175), para que realmente consigamos captar as culturas infantis, os modos como as crianças se organizam, suas respostas – que nada têm de óbvias -, suas formas de resistência aos limites temporais e espaciais do mundo adulto, teremos que necessariamente desenvolver ou redescobrir nossas experiências sensíveis, o que significa aprender a ver o que não se estampa de imediato, ou adotar uma ética da estética.



**"Caixa de Memória"**

### **3 – MEMÓRIA: UMA FONTE DE PESQUISA**

### 3 - Memória: Uma fonte de pesquisa

a memória é constitutiva de todo ser humano, seja ele criança, jovem, adulto ou velho e sendo assim, ela nos oferece como um prazeroso convite às viagens pelos tempos que nos perpassam e constituem (Fernandes e Park, 2006).

Segundo Fernandes e Park (2006) a memória compreende o processo de evocar lembranças paralelamente ao de apagamento ou esquecimento. Entender a memória dessa forma, assim como sensações, emoções e sentimentos envolvidos nela foi o desafio do trato do tema na pesquisa relatada no artigo: *Lembrar- esquecer: trabalhando com as memórias das crianças*.

Segundo os autores, o fato de lembrar nos remete ao fato de existirmos, sendo que somos quem somos por causa daquilo que lembramos, construímos a nossa identidade diante disso, uma vez que nossa identidade reside na memória. Ainda completam dizendo que a memória é a arte de evocar lembranças paralelamente ao esquecimento, colocando a importância de pensar no que esquecemos. *“A natureza do que resolvemos reprimir ou extinguir também nos revela, a cada momento de nossas vidas, quem somos e aonde nos dirigimos”* (Izquierdo, apud Fernandes e Park, 2006).

Ainda conforme os autores, nunca deixamos de interpretar e reinterpretar a nossa vida.

Isso significa que o bom senso erra redondamente ao considerar que o passado seja algo fixo, imutável, invariável e flexível, modificando-se constantemente à medida que nossa memória reinterpreta e re-explica o que aconteceu (Kim, apud Fernandes e Park, 2006: 41).

Desta maneira, os relatos das pessoas sobre seus passados mudam quando elas próprias mudam.

Os narradores estabelecem, portanto, serem tanto a mesma pessoa de sempre, quanto uma outra pessoa. Assim, as estórias mudam tanto com a quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador), quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a narrativa) (Fernandes e Park, 2006:41). 'Nenhuma estória será contada duas vezes da mesma forma idêntica. Cada estória que ouvimos é única'. (Portelli, apud Fernandes e Park, 2006: 41).

Portanto, para interpretar os relatos de crianças sobre suas lembranças, devo levar em consideração de que a memória não é estável, mas sim acompanha o tempo e as mudanças da criança. Refiro-me ao tempo, pois o passado se relaciona com o presente e até com o futuro diante das memórias.

Fernandes e Park abordam no artigo que quando a criança é colocada em uma situação, na qual ela precisa eliminar algumas memórias<sup>4</sup>, elas sentem muita dificuldade e desconforto para realizar esta tarefa, ou simplesmente não conseguem. Os autores explicam que isto ocorre, pois as crianças estão construindo suas memórias e abrir mão delas nesse momento causa cisão, fragmentação, extirpação. As crianças necessitam de todas as experiências para irem fazendo cotidianamente, pois estariam construindo os alicerces e os pilares que sustentarão a casa. Sendo assim, devo considerar que a memória faz parte da identidade da criança.

---

<sup>4</sup> Atividade com fotografias descrita na pesquisa de Fernandes e Park, 2006.

Tanto Izquierdo quanto Ferreira (apud Fernandes e Park, 2006) apontam as memórias das crianças como um "porto seguro" destacando a importância que elas possuem para as crianças. Izquierdo (apud Fernandes e Park, 2006: 54) diz que muitos episódios que acontecem em nossas infâncias são "episódios chave" que envolvem os sentidos, as sensações os afetos e as sensibilidades, enfim, tudo aquilo que configura, até hoje, a essência de nosso mundo afetivo, sentimental e cognitivo.

Fernandes e Park (2006) apontam que a imaginação e o afeto são dois aspectos que participam do processo constante de reconstrução das histórias da vida ao longo do tempo.

De fato quando transcorre certo tempo, digamos vinte anos, de alguma coisa que lembro, às vezes fica difícil distinguir se vivi aquilo, ou se sonhei, imaginei, ou talvez escrevi (o que mostra por outro lado, toda a força da fantasia: a vida imaginária também é vida). (Izquierdo, apud Fernandes e Park, 2006:55).

Desta maneira, o que me parecer fantasioso diante dos depoimentos das crianças, não pode ser desconsiderado, pois faz parte das suas reconstruções da realidade.

Para compreender-mos melhor a importância e as possibilidades que as memórias oferecem para a pesquisa remeto-me as considerações de Alvisi (1996) em seu trabalho de Conclusão de Curso: *Memórias de Infância(s) em tempos de velhice*. Apesar de tratar com depoimentos sobre a infância e não depoimentos de crianças, ela faz algumas alusões importante sobre a temática memória que me auxiliou na compreensão da complexidade da temática.

O cotidiano é revelador de elementos da cultura de uma determinada comunidade, portanto, através de narrativas que lançam primeiramente a memória como fonte de informações, há o resgate de experiências e concretiza-se a intenção de transmissão das mesmas. A busca das vivências do passado não se resume no objetivo de revivê-las, mas, de oferecer subsídios pertinentes para sua análise, como também poder fazer relações com o presente. O resgate do esquecido pode ter grande valor para a revisão e entendimento do passado e porque não, do presente. Por um outro lado, o motivo do esquecimento pode nos remeter também a uma visão ou revisão do quadro sócio político, econômico e cultural atual, por permitir análises da história dessa comunidade em questão. (Alvisi, 1996:14).

Ainda conforme Alvisi, o fato de lembrar vai além do que trazer para o presente fatos vividos, mas também do que o lembrar pode significar. Quando as lembranças dos fatos vividos cotidianamente são narradas através dos relatos, ainda que estejamos nos pautando em vivências pessoais, é possível descrever e retratar a vida e os costumes de uma época e sua relação com as instituições sociais como a família, a escola, a igreja etc.

A lembrança é objeto de um trabalho de reconstrução de imagens. A memória do indivíduo reflete sua ligação com um determinado grupo social (a partir de suas vivências) e as relações destes grupos com outros, sendo possível a identificação de como as pessoas formaram. Sendo assim, no trato da temática memória com adultos, ao considerar a memória como instrumento de pesquisa temos que entendê-la como algo que vai além da lembrança individual, pois aborda questões sociais.

Sobre relatos com crianças, Demartini (2002) faz algumas contribuições em seu artigo *Infância, Pesquisa e Relatos Oraís*. Neste artigo a autora nos mostra como os relatos sobre crianças vêm sendo pouco discutidos e precisa de uma maior atenção, além de cuidados diferenciados ao tratar os dados da pesquisa, por se tratar de relatos de crianças e não de adultos. A autora parte do princípio de que uma criança, de

qualquer grupo social, após breves espaços de tempo, já tem uma memória e uma identidade construídas. Ela nos alerta para o fato de que

É preciso desvendar inicialmente a história de cada criança, do grupo a que ela pertence e do grupo a que ela está ligada no momento da pesquisa. Quer dizer, se é aquele grupo escolar, se é aquela instituição, se é aquela creche, se é a rua; verificar, enfim, o grupo com o qual ela se relaciona ou mesmo a criança sozinha. (Demartini, 2002: 8).

Cabe colocar que ainda segundo Demartini (2002), devido a sua experiência na área das ciências sociais, da sociologia, é preciso levar em conta os diferentes tipos de criança de infância. Sendo assim, é impossível tratar dos relatos de criança pensando que todos eles são da mesma natureza. A questão dessa heterogeneidade dos tipos de criança, do tipo de infância vivenciado, é uma questão que o pesquisador sempre deve estar atento.



**“Roda de Conversa”**

## **4 – OUVINDO O QUE AS CRIANÇAS TÊM PARA NOS DIZER**

#### 4 – Ouvindo o que as Crianças têm para nos dizer

Para analisar a fala das crianças, além de entendê-las como sujeitos históricos que produzem culturas, me ative às considerações de Fernandes e Park (2006) sobre a constante reconstrução da memória de acordo com a identidade que os sujeitos possuem no presente, por se tratar de depoimentos que evocam as lembranças. Como apontado anteriormente, o fato de lembrar, nos remete ao fato de existirmos, sendo que somos quem somos por causa daquilo que lembramos, construímos a nossa identidade diante disso, uma vez que nossa identidade reside na memória. Ainda completam dizendo que a memória é a arte de evocar lembranças paralelamente ao esquecimento, colocando a importância de pensar no que esquecemos. *“A natureza do que resolvemos reprimir ou extinguir também nos revela, a cada momento de nossas vidas, quem somos e aonde nos dirigimos”* (Izquierdo, apud Fernandes e Park, 2006).

Diante dessas considerações pude observar nos depoimentos das crianças, como o presente e o passado se misturavam e como a criança que vivencia hoje o Ensino Fundamental concebe as suas vivências na Educação Infantil com meninos e meninas, com a professora, com a diretora. Uma concepção marcada pelo eu do presente, como poderemos observar mais adiante nas falas das crianças.

Além disso, devemos levar em consideração que “o ‘mundo de faz de conta’ faz parte da construção da visão de mundo da criança e da sua atribuição do significado às coisas” (Sarmiento, apud Delgado e Müller, 2005). Dessa maneira, entendo que a fantasia faz parte dos sentidos produzidos pelas crianças.

#### **4.1 - Menino não brinca com menina, menina não brinca com menino!**

Finco (2003), pensando na criança e na produção infantil, entende a brincadeira como uma das formas da criança se expressar culturalmente. A brincadeira para a autora apresentou-se como um meio para conhecer e observar a criança de mais perto, um momento em que a riqueza das relações favorece a produção da cultura infantil.

Foi analisando as brincadeiras de crianças em instituição de educação infantil, que a autora fez um estudo sobre as relações de gênero entre meninos e meninas na educação Infantil.

Nesta pesquisa foram registradas brincadeiras entre meninos e meninas nas quais:

(...) revezavam nos papéis, sem menosprezar ou desprezar papéis considerados masculinos ou femininos, as crianças buscavam um companheiro para brincar e vivenciar momentos agradáveis não importando ser homem ou mulher, ser menino ou menina (Finco, 2003: 94).

No entanto, considerando a relação criança/criança é interessante observar nos depoimentos das crianças a negação de uma relação entre meninos e meninas nas brincadeiras durante a Educação Infantil quando indagados se brincavam com meninas/meninos, conforme podemos conferir na fala das crianças:

***Você brincava bastante na escola?***

*Daiane<sup>5</sup>: brincava! Eu entrava de manhã. De manhã eu brincava e de tarde eu estudava.*

***E do que vocês mais brincavam?***

*- de parquinho e de brinquedo*

***E você brincava com os meninos?***

---

<sup>5</sup> Os nomes citados neste trabalho são fictícios para preservar a identidades dos sujeitos de pesquisa.

*Daiane: não!!*

...

*Bernardo: mas quando tava no último ano, no prézinho, lá no (...) <sup>6</sup>, a gente começou a bater em ninguém! A gente só ficava vigiando a classe pra ninguém entrar, principalmente as meninas, né? Se não levava também!*

Desta maneira, a fala das crianças hoje contraria as análises de Finco (2003) que relata o brincar entre meninas e meninos na Educação Infantil. Contudo, levantamos a hipótese de que esta visão relatada pelas crianças sobre suas brincadeiras está relacionada com a maneira que hoje eles se relacionam com as meninas na escola. Como podemos conferir na fala da Manuela:

***Fiquei lá em casa pensando assim: porque será que eles fizeram gangue? Ai o Bernardo virou e falou assim pra mim: que eles tinham gangue pra resolver os problemas. Sabe o que eu me perguntei? Porque que eles queriam resolver os problemas? E o que era o problema?***

***Meninos: As meninas!!!***

***Meninas: não, não, não é! Eram os meninos que eram o problema!***

***Manuela: O tia ... a gente ta quietinha lá na mesa comendo, eles vem lá e batem na nossa cabeça!***

Na fala de Manuela, apesar de eu ter feito uma pergunta sobre o passado, ela relatou um problema presente que ocorre no intervalo da Escola. Além desta fala, é importante destacar que durante a conversa com o grupo no segundo encontro, as meninas sentaram de um lado, e os meninos do outro. Neste dia, foram constantes as falas que surgiam como reclamação das meninas para os meninos e destes para as meninas.

---

<sup>6</sup> O Nome da instituição citada nas falas será preservado.

**Agora me fala uma coisa: Porque que as meninas eram um problema?**

*Bernardo: Porque elas irritavam a gente!*

**Por que elas irritavam vocês?**

*Bernardo: Por que elas iam provocar a gente!*

*Maurício: lá tinha piscina e elas não queriam entrar na água, né? Daí a gente pulava perto delas, daí elas se molhavam todas!*

*Bernardo: Lá no (...) a gente sempre arrumava alguma coisa pra fazer e elas não! Ficavam provocando a gente!*

**Já que o assunto era sobre o que vocês não gostavam, do que vocês não gostavam no (...)?**

*Douglas: Eu não gostava das meninas, elas ficavam irritando a gente!*

**Marina, o que você não gostava no (...)?**

*M: dos meninos!!*

**Por quê?**

*M: Porque a gente tava quietinha, eles pulavam na piscina, só pra gente se molhar!*

*Maurício: a gente montava clubinho!!*

*(os meninos começam a falar que as meninas também tinham um grupo)*

*Bernardo: a gente chamava o delas de clube rosa!*

*Meninas: Cor de rosa é vocês!! (em tom de retuque)*

*Bernardo: Cluuuube Rosa!*

**Vocês que davam o nome pra elas de Clube Rosa?**

*Meninos: a-hamm*

*Bernardo: E o nosso a gente chamava de pancada na cabeça!*

*Gabriel: Eu não lembro disso*

*Bernardo: Pancada na cabeça, pancada na cabeça!*

Esta visão das crianças que separa as meninas e meninos em grupos pode estar relacionada com o contexto da Escola de Ensino Fundamental. No artigo de Finco (2003) ela mostra que nas pesquisas sobre gênero e educação, as instituições escolares, através de regimentos, organização dos espaços e da distribuição do tempo, constituem importantes espaços para a formação de crianças e jovens.

*“As crianças aprendem sexismo na escola ao se defrontar com a hierarquia do sistema escolar, onde os papéis feminino e masculino estão determinados”.*

(ALAMBERT, apud FINCO 2003: 93).

Muitas pesquisas apontam que a escola possui mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos. Porém não se sabe como essa construção aparece na escola de educação infantil. Nesta etapa da educação a escola já ensina a ser menino e a ser menina? Como as crianças se manifestam frente às relações de gênero? (Finco, 2003).

Tendo em vista estas considerações de Finco (2003) não posso inferir sobre como as crianças se relacionavam nas brincadeiras entre meninos e meninas, ou se estas não existiam na Educação Infantil, tendo como referência as lembranças das crianças. No entanto, podemos perceber como as relações atuais entre as crianças influenciam a reconstrução de suas memórias e na formação de suas identidades ao se relacionarem com seus pares.

O despertar da sexualidade também está presente na fala das crianças quando elas falam sobre os meninos espiarem as meninas no banheiro e sobre namorarem escondido, como podemos observar nas falas a seguir:

*algum menino diz: elas namoravam escondido!*

***Me conta, por que os meninos irritavam, e o que irritavam?***

*C: Eles ficavam puxando o nosso cabelo, eles eram chatos e ninguém agüentava! ... Eles espiavam a gente no banheiro!*

*Algum menino: mentira! Mentira!*

*Maurício: professora! Mentira porque na frente da entrada tinha uma parede!*

***Mas então os meninos tentavam ver as meninas no banheiro?***

*Meninas: ééééé*

*alguma menina: pela fechadura lá!*

*Maurício: a porta ficava aberta! a porta não fechava!*

***Agora eu quero saber uma coisa: se as meninas sabiam que os meninos tentavam espiar elas no banheiro, o que vocês faziam... o que vocês faziam pra resolver isso?***

*Clara: a gente pegava, colocava alguma coisa, né? No negócio da porta (meninos e meninas debatem. Confuso para entender. Os meninos falam que é mentira)*

***para as meninas: e vocês falavam com a professora?***

*Meninas: falava (concordavam com a cabeça)*

***Vocês têm certeza que falavam?***

*Natália: falava, mas não adiantava nada!*

Estas falas, não evidenciam que já se espiavam nos banheiros na ed. infantil, portanto, não posso afirmar que a sexualidade entre eles já despertou na ed. infantil, mas a sexualidade faz parte do presente, faz parte das crianças que eles e elas são hoje. Além disso, as falas parecem dizer de situações presentes, pois o menino contradiz as meninas, evidenciando que a porta não ficava fechada na EMEI.

## 4.2 – A gente brincava!! A gente bagunçava!! A gente enganava!!

A brincadeira para autores como Muller e Delgado, Sarmiento e Finco são entendidas como uma maneira das crianças manifestarem sua cultura. Portanto ouvir o que as crianças podem nos dizer sobre as suas brincadeiras, envolvendo seu imaginário e o lúdico é extremamente importante em um estudo que aborda a criança como um sujeito social, participativo na estrutura social e produtor de culturas relacionadas ou não com os adultos.

Nos depoimentos das crianças, a categoria relação criança/criança surgiu quando perguntei sobre o que faziam na Educação Infantil: Eles sempre citavam o brincar. Brincavam no parque, de boneca, de correr, de pular corda. Além disso, se identificavam como crianças pelo fato de brincarem e sentiam saudades da Educação Infantil pois podiam brincar mais.

O diálogo que evidencia a importância para as crianças do brincar, foi quando mostrei a minha foto de quando eu estava na educação infantil e começamos a falar sobre o que é ser criança e pré-adolescente.

***Viu? Eu já fui criança!***

*Gabriel: todo mundo já foi criança!*

*alguns minutos depois ..*

*Gabriel: Eu sou pré-adolescente!*

***Agora me conta: por que vocês não são mais crianças?***

*Bernardo: Eu sou criança!*

*Marina: Eu sou pré-adolescente, por que já sou grandona!*

***Por que vocês se consideram pré-adolescente?***

*Bernardo: Eu não!*

*Guilherme: Por que eu não faço mais coisa de criança!*

*Luis: Só daqui a quatro anos eu vou ser pré-adolescente*

***Aaaa ele falou que não faz mais coisa de criança. o que é fazer coisa de criança?***

*Crianças: Brincar!!!!!!*

**Brincar de que?**

*Algum Menino: de pega-pega*

*Alguma Menina: de boneca*

**Anal O que é brincar?**

*Ana: brincar de divertir, de correr, pular corda, brincar com carrinho.*

**E será que o Gabriel não brinca mais disso?**

*Gabriel: Eu não.*

*Meninas: Aaaa ele brinca sim! Com carrinho!*

*Bernardo: Ééé você brinca de pega ladrão, não brinca? brrriinca sim!*

*Hahahaha ... Futebol!!*

*Gabriel: Futebol, adulto também joga!!*

**Então o que é fazer coisa de pré-adolescente?**

*Bernardo: Sair! Sair de casa sem ninguém se preocupar.*

*Maurício: Dirigir carro! Estudar!*

*Bernardo: Sair de casa sem ser perturbado!*

*Gabriel: Eu saio de casa sozinho, atravesso a rua sozinho, vou na casa do meu amigo sozinho!*

Para essas crianças, o brincar caracteriza a infância, já o fato de adquirir alguma independência como "Sair de casa sem ser perturbado", "dirigir carro"; ou por ter crescido bastante "Eu sou pré-adolescente, por que já sou grandona"; ou por que atingiu uma idade estabelecida socialmente como a idade da pré-adolescência: "Só daqui a quatro anos eu vou ser pré-adolescente".

Estas falas evidenciam as diferentes concepções que eles possuem sobre o que é ser adolescente e como eles se identificam. Todavia, sem uma inserção no dia a dia deles por um período maior, para acompanhar mais as suas manifestações culturais, não posso inferir se esta concepção é construída apenas entre as crianças, ou se faz parte também da interação com os adultos com os quais eles convivem.

Por outro lado, o diálogo seguinte sobre suas brincadeiras evidencia a referência do adulto que as crianças utilizam, evidenciando que elas imitam:

**Vocês brincavam do que na árvore?**

*Bianca: Aaaa, a gente se escondia lá, né? A gente brincava de mamãe e filhinha! Essas coisas!*

**Como que era brincar de mamãe e filhinha?**

*Bianca: É só fingir que a gente é mãe, filha, tia*

**E como que você fingia? Você imitava alguém?**

*Bianca: Não! A gente imitava a mãe!*

**Você imitava a sua mãe?!**

*Bianca: Ahan... E a gente ainda brinca disso!*

**E é diferente de quando vocês brincavam na escolinha?**

*Bianca: Não! Quase não!*

Através das falas das crianças também podemos perceber como as crianças não são agentes passivos de papéis sociais como entendiam as concepções tradicionais de socialização. Em suas brincadeiras eles não seguem as regras colocadas pelos adultos, e até admitem que gostam de fazer o que não pode.

**Agora me fala! O que era fazer bagunça?!**

*Bianca: Desobedecer!*

*Bernardo: Ééé fazer coisa que não pode! Coisa que não pode!*

**Vocês gostam de fazer coisa que não pode?!**

*Bernardo: De vez em quando!*

*Luis: Eu não*

**E por que vocês fazem coisa que não pode?**

*Bernardo: Porque a gente não pensa! A gente não pensa!*

*Bianca: Eu não! Eu não faço, o Bernardo faz!*

*Luis: Eu só faço quando não pensam que eu to fazendo!*

**Aaaa, você só faz coisa quando pensam que não está fazendo?**

*Luis: Ééé*

**E quando você estava na ed. infantil também?**

*Luis: Ééé... Quando não sabiam, o que eu estava fazendo eu fazia qualquer coisa!*

Sem esquecer que o imaginário a fantasia, e a mistura entre o passado e o presente estão presentes nas falas das crianças, não posso afirmar que estas crianças agiam dessa maneira quando estudavam na educação infantil, ou se estas falas são sobre o que elas fazem hoje na Escola. É possível dizer que hoje essas crianças possuem uma idéia do que são regras e gostam de transgredi-las.

**Agora me fala uma coisa: Lá na escola ... Eu quero saber umas coisas aqui que eu tô ficando muito curiosa! É o seguinte: Aqui**

**nessa escola tem um monte de regra, não tem? Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo ...**

Todos: Teeemmm!!!

**E lá no (...)?! Era assim também?**

Todos: Nãããooo!!!

Bianca: Podia fazer quase tudo! Brincar, jogar bola, pular corda, podia brincar toda hora. Desenhar!

**E agora me fala: Que é fazer bagunça?**

Bernardo: Fazer coisa que não pode.

**Agora eu quero entender uma coisa. Se não tinha regras ... vocês acabaram de me falar que lá não tinha regras!**

Bianca: Tiiinha!

Gabriel: Tinha pouco.

**... Mas se não tinha regra por que vocês ficavam de castigo?**

Bianca: É que a gente fazia coisa errada.

Bernardo: Porque a gente não sabia o que ia na regra.

Bianca: É que lá podia fazer quase tudo, então fazia coisa errada! Aí era contra a lei!

Maurício: A gente não sabia o que podia fazer e o que não podia.

Bianca: Nãããão, as regras foram faladas na escola!

Bernardo: Lá podia levar lanche todo dia.

**Quem gostava de desobedecer a professora?**

(quase todas levantam a mão!)

**Como vocês desobedeciam a professora?**

Fazendo ao contrário do que ela falava

Fazendo coisa errada.

**E você como você desobedecia?**

Maria: fazendo bagunça.

**E o que era bagunça?**

Bernardo: é desobedecer a regra!

Maurício: é fazer tudo ao contrário!

Neste momento, as crianças começam a falar de seus truques para não ir à escola: fingiam que estavam doentes, fingiam que choravam. Ao mesmo tempo haviam meninas que não concordavam com seus coleguinhas.

Gabriel: Professora, quando eu não queria ir na aula eu fingia que ficava doente e ligava pra minha mãe pra eu ir embora!

**Gente, péra aí, o Gabriel falou que quando ele não queria ir à aula ele fingia que ficava doente!**

Maurício: Eu fazia isso!

**Quem fazia isso?!**

Bianca: Eu não fazia, porque não sou mentirosa!

***Tinha algum truque que alguém fazia mais?***

*Bianca: Eu não fazia, porque eu queria estudar!*

***O que você fazia pra não ir na aula? (para Luis)***

*Luis: Ah, eu fazia que eu tava mal e daí a tarde eu ficava brincando. Eu falava que eu melhorava!*

***E você, o que você fazia pra matar aula? (para Bianca)***

*Bianca: Ah, eu não fazia nada porque eu não gostava, eu gostava mais de ir pra escola brincar com as amigas. Quando eu ficava doente de verdade aí eu queria ir pra escola, não igual eles que só queriam ficar em casa. Eu quero estudar... Eu quero estudar pra passar de ano.*

*Bernardo: Quando eu não queria, eu colocava a mão na minha barriga e caía no chão!*

***E você, fazia alguma coisa pra não ir à aula? (para Natália)***

*Natália: Não. Também queria ir na escola pra também passar de ano.*

*E você, Giovana, o que você fazia?*

*Giovana: Eu queria ir pra escola.*

*Maurício: Professora, eu pus Sorine no olho!*

*Gabriel: Eu fecho assim bem forte! (aperta os olhos)*

*Bernardo: Eu vou beber água e coloco as gotas aqui, colocava a mão na minha barriga e caía no chão.*

O depoimento do Bernardo, conforme podemos observar logo a baixo, chamou muito a atenção, pois aborda a violência de forma natural dentro de suas brincadeiras. Estas brincadeiras podiam não ser violentas como ele descreve quando estavam na educação infantil, mas retratam uma violência que de alguma maneira eles tiveram contato. Seja na comunidade em que moram, ou seja pela mídia. Como apontado anteriormente, a interatividade entre as crianças para Sarmiento (apud Delgado e Muller, 2005: 174) faz parte do processo de crescimento.

A brincadeira faz parte da interação entre as crianças e a ludicidade para Sarmiento constitui um traço fundamental das culturas infantis, pois brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas atividades sociais mais significativas. Desta maneira, entendo que estas brincadeiras que são formas de interação e de crescimento estão fazendo parte da constituição, da identidade da criança.

*Bernardo: A gente juntava uma gangue lá, tinha até gangue lá... A gente juntava até gangue lá pra bater nos outros. Formava até gangue, pra bater nas menina, e nos moleque chato. Só porque um moleque roubou a espada de brincadeira do outro aí a gente pegou e meteu (gesto de soco)*

***Nossa! To interessadíssima nissol! Vocês faziam gangue?! Peraí, as meninas sabiam disso?***

*Todos: Sabiiia!*

***Onde, no (...)?!***

*Todos: Éééé!*

***E como era essa gangue, me conta!***

*Natália: Ô tia, ô tia, eu e a Camila ficava batendo nos meninos!*

***Pera aí, como vocês organizavam essa gangue? Bernardo, me conta: Você fazia parte dessa gangue?***

*Bernardo: Eu era o líder. (cheio de orgulho)*

***Você era o líder da gangue?!***

*Bernardo: Não era? (pergunta para outro) Quando eu faltava era o Maurício, quando ele faltava era o Gabriel.*

***O que essa gangue fazia no (...)?***

*Bernardo: Quando alguma coisa sumia a gente ia ver se era roubado. Aí a gente ia perguntando. Quem não queria responder a gente prendia e fazia assim ó! (gesto de ameaça de soco) Aí a pessoa achava que a gente ia bater nele e contava tudo.*

***Agora me conta, vocês faziam isso porque vocês brincavam de gangue?***

*Bernardo: A gente brincava e resolvia problema, de verdade.*

***Vocês faziam porque era sério ou porque era brincadeira?***

*Bernardo: Era sério e brincadeira.*

***Mas as pessoas achavam que era brincadeira ou que era sério?***

*Bernardo: A gente fazia sério, mas depois falava que era brincadeira.*

....

As falas a seguir continuam abordando a relação entre as crianças e suas brincadeiras, mentiras, brigas. Fala também sobre a gangue e mostra a influência da mídia:

*Bernardo: uma vez eu joguei uma pedra no cacho de zangão, dois me picaram aqui no pescoço e quatro aqui na minhas costas ... eu quase morri! Eu só peguei dois .. porque a minha blusa era grossa, por causa disso!*

*Maurício: O Bernardo, a gente ainda vai formar a gangue de novo, né?*

*Bernardo: a nossa gangue já ta montada já!*

*Gabriel: o grupo vai ser eu, Maurício e o Bernardo.*

***Qual a vantagem de ter gangue?***

Bernardo: Não, mas na gangue daqui a gente não vai bater em ninguém!  
Só vai correr atrás de pessoa e correr, sem bater.

**E da onde veio essa idéia de montar uma gangue?**

Bernardo: aaa do nosso cérebro, né?

**Mas vocês viram em algum lugar?**

Gabriel: na televisão

Maurício: ÉÉÉ .. teve aquele filme que a gente assistiu e a gente tirou a idéia de lá.

**E mesmo quando vocês eram pequenininhos, vocês já pensaram isso?**

Maurício: não, a gente era um pouco maior

Bernardo: cinco anos! cinco anos!

Bernardo: mas quando tava no último ano, no prezinho, lá no (...) vigiando a classe pra ninguém entrar, principalmente as meninas, né? Se não levava também!

Luis: eu deixava as meninas entrar na classe

Maurício: a gente montava clubinho!!

(os meninos começam a falar que as meninas também tinham um grupo)

Bernardo: a gente chamava a delas de clube rosa!

alguma menina: Cor de rosa é vocês!!

Bernardo: Cluuuube Rosa!

**Vocês que davam o nome pra elas de Clube Rosa?**

Meninos: a-hamm

Bernardo: E o nosso a gente chamava de pancada na cabeça!

Gabriel: Eu não leembro disso

Bernardo: Pancada na cabeça, pancada na cabeça!

(Ma vem do meu lado para falar comigo sobre como fazia pra não ir a escola)

Marina: Tia! pra mim não ir na escola, a minha mãe deixava a mamadeira aqui do meu lado! Eu enfiava o termômetro dentro dela e ficava quentinho e dizia que tava com febre!!

**Alguma menina tinha gangue aqui?**

Bernardo: ta bom, nois levava, nois levava.

Bernardo: O nosso era todos os meninos da sala, menos os tímidos, como o Arnaldo e o Rafael,

Todos os meninos da nossa sala eram da gangue, menos o Arnaldo e o Rafael, porque eles são tímidos. E o resto da nossa gangue foi pra de manhã.

Natália: a gente ficava batendo neles!

**Natália, porque vocês batiam neles?**

Natália: aaa porque eles ficavam colocando apelidos na gente

Maurício: A gente colocou o apelido nela de banguela!

Luis: O tia! a gente ficava chamando a B lá da primeira série de Peru assado! Porque ela parecia um peru, dai a gente chamou de peru assado!

#### **4.3 – A gente enganava a professora! A professora era chata legal!**

Nos relatos das crianças, outro eixo que surgiu foi a relação adulto/criança. Esta relação apareceu nas falas das crianças quando elas falaram da professora. Um fator interessante, e que me chamou a atenção, foi o fato de que quando perguntei se lembravam da professora, a maioria disse que não, mas lembravam que ela brincava com eles e ajudava a fazer lição, como podemos observar na fala de Bernardo, Bianca e Júlia:

***Eu quero saber do que ela brincava com vocês!!***

*Bernardo: De paninho chão!*

***Que brincadeira é essa?***

*Bernardo: a pessoa tem que ficar correndo atrás da outra quando ela descobre que coloca alguma coisa atrás dela!*

***E você lembra do que a professora brincava com vocês?***

*Bianca: ela ajudava a gente também a fazer tarefa, sabe!*

***Então tinha tarefa, então?***

*Bianca: Tinha... Às vezes ela dava lição de casa ... Tinha uma árvore enorme que a gente brincava lá*

***Júlia onde você estudava?***

*Júlia: No (...)*

***E você lembra de muita coisa?***

*Júlia: pouco*

***Pouca coisa... Você lembra da professora?***

*Júlia: não*

***Você lembra se ela brincava com você?***

*Júlia: lembro...*

***Do que a professora brincava?***

*Júlia: (silêncio)*

Além de lembrarem das brincadeiras, as crianças manifestaram os sentimentos de afetos e desafetos relacionados à professora.

***E o que você mais gostava da professora?***

*Daiane: ela era legal*

***Por que ela era legal?***

*Daiane: a .. porque ela deixava desenhar bastante ... sexta feira não tinha lição, a gente só ia no parquinho, depois ficava fazendo desenho ..*

Quando a professora colocava as crianças de castigo ela era chata. As crianças relataram que ficavam de castigo na sala, entretanto esta fala pode representar a maneira que eles se sentem diante da escola hoje, pois em uma das minhas visitas na escola, observei um dia em que a diretora conversou com todas as crianças da escola no pátio, dizendo que agora o castigo para quem não respeitasse as regras no recreio, seria um mês sem poder ter recreio.

***E me contem! Vocês ficavam de castigo na Educação Infantil?***

*A maioria responde junto: Eu ficava! Eu ficava!!*

*Bernardo: Aaaa ta bom, ta bom!! Castigo era muito pior do que aqui! Não é?*

***Era pior do que aqui Bernardo?***

*Bernardo: Por que a gente ficava sem sair e a gente tomava o lanche dentro da classe!*

***Tomavam lanche na classe?***

*Gabriel: É verdade!!*

***E vocês ficavam bravos?***

*Todos: ahan, ahan*

*Bernardo: Aaa tá.. Dava vontade de quebrar a escola, só!*

*Maurício: Eu ficava com o Bernardo!*

***E o que vocês conversavam entre vocês? O que vocês pesavam quando a professora dava castigo?***

*Bernardo: Que a professora é muito chata!*

*Gabriel: Depois fala que é legal, depois fala que é chata, depois legal, só porque não deixa, fala de chata e quando deixa, fala que é legal! Isso muda a cada hora!! Quando deixa de castigo é chata!*

*Maurício: Outro dia chamei a professora de chata legal!*

A professora era chata quando provavelmente dava broncas para as crianças ficaram em silêncio. Mais uma vez, percebo que esta lembrança pode estar associada com as sensações que elas têm com a professora atual deles. Observei que a professora atual deles possui uma forma enérgica de falar, principalmente quando a turma estava conversando.

**Ei! Quando a professora era chata e quando ela era legal?**

*Bernardo: quando ela era chata ... (ficou pensando).*

*Luis: Quando todo mundo tava conversando!*

*Bernardo: É! Quando a gente obedecia, ela era legal e quando a gente desobedecia, ela era chata!!*

*Bianca: Comigo ela nunca foi chata! Ela sempre foi legal!*

**E você já levou castigo?**

*Bianca: Não!*

*Bernardo: Eu chamava ela de "fessora"!*

*Bianca: Tem gente que chamava ela de tia!*

*Olha... Por que será que com ela (Bianca) a professora nunca foi chata e com vocês ela era chata?*

*Natália: Porque ela nunca fez bagunça!*

*Bernardo: É... Porque aqui ela leva bronca toda hora porque fica conversando!!*

Acredito que enganar a professora, fazer aquilo que está contra as regras, contrariar o adulto, faz parte das culturas infantis, conforme podemos observar nas falas a seguir:

*Bernardo: Quando a professora não apoiava a nossa gangue, que a gente tinha, a gente fazendo ameaça alguma pessoa, a gente subia na árvore e ela passava reto.*

**Quem passava reto? A professora?**

*Meninos: É, é!*

**Agora péra aí, a professora achava que a gangue de vocês era brincadeira?**

*Meninos: Era, é, é!*

**Vocês enganavam a professora?!**

*Meninos: A-ham!!!*

Contrariar o adulto é uma característica deste grupo de crianças, evidenciando que apesar de imitarem os adultos, elas também inventam, contrariam e não reproduz passivamente o que o adulto produz. As crianças, conforme podemos observar nas falas, gostam de desobedecer, de fazer o que não faz parte das regras, além de mostrar que crianças também fingem.

#### 4.4 A gente Fazia lição! A gente sente saudade!

Na fala das crianças pude perceber alguns aspectos que nos remetem ao Ensino Fundamental, ou seja, uma concepção da educação Infantil marcada pela concepção escolar e suas vivências na Escola de Ensino Fundamental.

Eles relatam que faziam tarefas de casa, faziam trabalhos na sala de aula, mas brincavam e podiam brincar muito mais do que atualmente. Na fala das crianças, parece-me que a diferença entre educação infantil e a escola em que estudam no ensino fundamental está na brincadeira, pois relatam que podiam brincar muito mais e sentem saudade disso. O que ficou marcado para eles foram as brincadeiras, uma vez que relatam sobre brincadeiras em muitos momentos das entrevistas.

*Bianca: Esse daqui ó... É um trabalhinho que a gente fazia, né? A gente rabiscava assim, mas daí eu fui tentando, fazendo. aí eu consegui fazer tudo isso!*

***E onde você fazia esse trabalhinho?***

*Bianca: Aaa.. Na sala de aula...!! Às vezes lá fora!*

...

*Maria: Quando eu peguei meus trabalhos eu falei bem assim: Eu quero voltar pro (...)*

***Por quê?***

*Maria: Porque eu senti saudade da minha professora, dos meus amigos.*

***Era mais gostoso lá ou aqui?***

*Maria: Lá!*

***Por quê?***

*Maria: A gente brincava muito lá! Aqui a gente não brinca tanto.*

***E porque você sente falta de brincar?***

*Maria: Porque um dia, né? A gente juntou todo mundo, as meninas e os meninos, né? E corremos um atrás do outro lá.*

***E aqui não brinca assim?***

*Maria: Não*

*Giovana: Aqui não tem brinquedo!*

...

*Bianca: Tia! olha aqui quando eu estava aprendendo a ler. A professora ajudava (me mostrou um caderno com desenhos de árvore, abacaxi e abelha, junto com nome de cada desenho).*

**Você estava aprendendo escrever, então?**

*Bianca: A-ham!*

Pude perceber também na fala de uma criança que estudou em uma escola particular de Educação Infantil o preconceito sobre a instituição creche e a confusão de sentidos entre creche e Educação Infantil, o que mostra também uma concepção escolar sobre a Educação Infantil.

*Daiane:- eu entrei na escola com oito meses... Não era creche! Era escola! Era particular. (falando para a turma, quando eu estava falando da diferença de idade entre creche e EMEI.*

***Eu: Você fez creche?***

*Daiane: não eu fui direto na escola*

No final das entrevistas agradei a participação das crianças e percebi o quanto este trabalho mexeu com algumas crianças, pois consegui disparar algumas emoções e sensações nas crianças, que se sentiram muito a vontade para falar de suas lembranças e "segredos", mesmo estas lembranças, serem muitas vezes mais relacionadas com os acontecimentos presentes da vida deles. Também aparecem neste trecho, a imitação, tomando o adulto e a própria criança como referência para as criações das brincadeiras, e o contrariar o adulto.

***Eu quero agradecer vocês por terem participado, por terem falado da vida de vocês. E eu queria perguntar para vocês, o que vocês sentiram ao lembrar de quando eram mais novos?***

*Elis: Eu senti emoção!*

*Ana: Eu senti falta de ser mais criança.*

***Porque você sentiu falta de ser mais criança?***

*Marina: O tia, o tia eu senti falta da minha mamadeira!*

***Fala Giovana, o que você sentiu?***

*Giovana: emoção*

***Você sentiu muita emoção? Fez você lembra de muita coisa boa?***

*Giovana: (gesto de sim com a cabeça)*

***E o que mais? Você sentiu alegria?***

*Giovana: (gesto de sim com a cabeça)*

***Foi por isso que você foi lá visitar a professora?***

*Giovana: (gesto de sim com a cabeça)*

**E que tipo de emoção você sentiu?**

Giovana: saudade... Foi em 2004 que eu estudei no (...)

**Mais alguém lembrou de alguma coisa?**

Maria: Quando eu peguei meus trabalhos eu falei bem assim: Eu quero voltar pro (...)

**Por quê?**

Maria: Porque eu senti saudade da minha professora, dos meus amigos.

**Era mais gostoso lá ou aqui?**

Maria: Lá!

**Por quê?**

Maria: A gente brincava muito lá! Aqui a gente não brinca tanto.

**E porque você sente falta de brincar?**

Maria: Porque um dia, né? A gente juntou todo mundo, as meninas e os meninos, né? E corremos um atrás do outro lá.

**E aqui não brinca assim?**

Maria: Não

Giovana: Aqui não tem brinquedo!

**Vocês imitam a mãe e o pai de vocês quando vão brincar?**

Giovana, Maria, Natália e Luana: imita! imita!!

**Vocês imitam a professora?**

Giovana, Maria, Natália: não.

**Vocês imitavam quem mais para brincar?**

Giovana: Eu imitava meus amigos.

**E vocês inventavam brincadeira, também?**

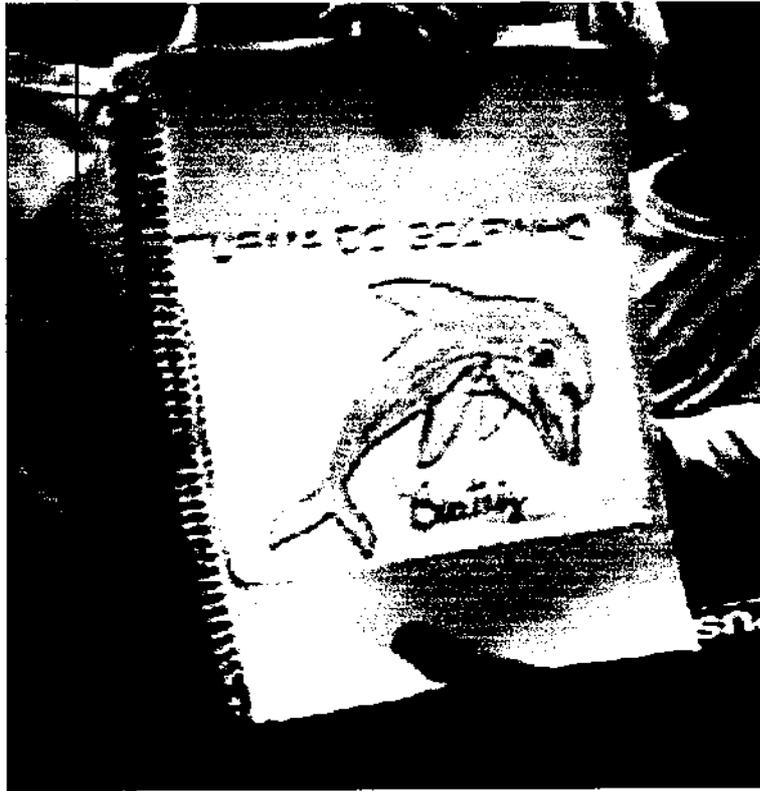
Giovana: inventa.

**Como vocês inventavam brincadeira no (...)?**

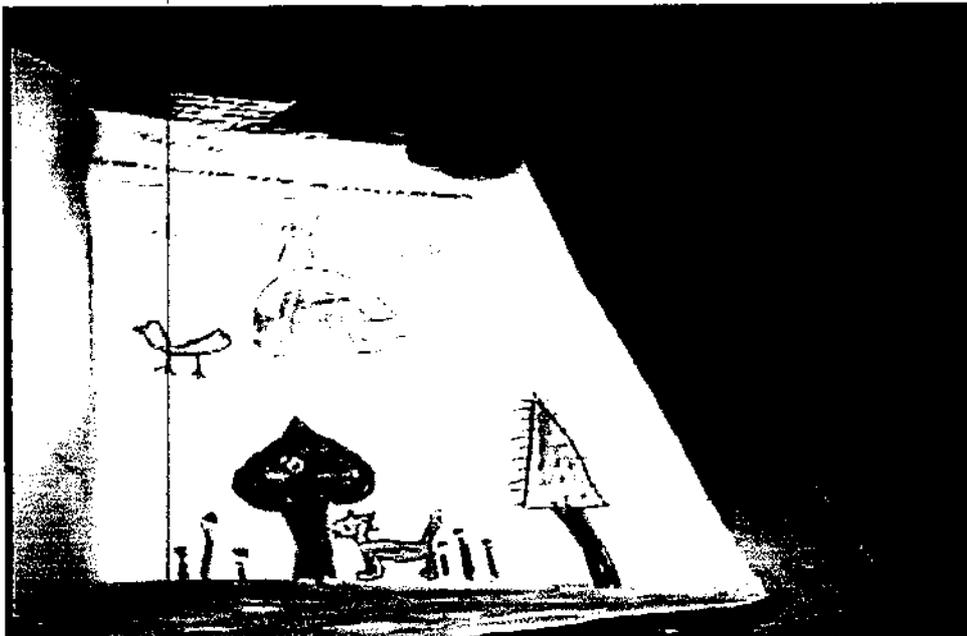
Natália: Ah! As professoras ensinavam.

**Quem gostava de desobedecer a professora?**

(quase todas levantam a mão!)



**Eles troxeram as suas atividades!**





**Eles tinham fotos em suas caixas**

## 5 - Considerações Finais

Encontrei muitas dificuldades para realizar as entrevistas e analisar os dados por se tratar de um campo recente de estudos, no qual as metodologias e instrumentos de pesquisa estão sendo construídos, além de ser meu primeiro contato com a pesquisa qualitativa e entrevistas.

Apesar das dificuldades encontradas para realizar as entrevistas e analisar os dados, acredito ter conseguido propiciar um ambiente favorável para as crianças falarem de suas vivências, podendo ter contato com suas manifestações culturais, como as brincadeiras, o imaginário, as mentiras contadas, seus sentimentos para com a professora, suas sensações diante de castigos, a suas visões sobre a Educação Infantil e Ensino Fundamental e a constituição de suas identidades dentro da sociedade. Além de se verem como sujeitos históricos, que possuem história, lembranças e memórias.

Acredito ter alcançado os objetivos deste trabalho em dois aspectos relevantes. Primeiro por ter conseguido me comunicar com as crianças e ouvir suas sensações, lembranças e reconstituições do que para elas significam a Educação Infantil.

Para estas crianças a Educação Infantil significou principalmente o brincar, uma vez que relataram bastante sobre brincadeiras e que sentem saudades das mesmas, pois na atual escola não podem brincar como brincavam. Para eles, ser criança é também brincar, e a Educação Infantil foi um espaço onde eles puderam ser crianças.

Como segundo aspecto, refiro-me ao reconhecimento da criança como um sujeito social ativo, produtor de culturas através de suas representações sobre a Educação Infantil. Através das falas das crianças pude perceber como temos a oportunidade de nos aproximar mais deste grupo pouco conhecido pelos adultos, pois

as falas das crianças mostraram suas manifestações culturais, que possuem características tão singulares, como o lúdico e o imaginário, e que como sujeitos ativos, constroem significados sobre as relações existentes na sociedade, como as relações de gênero, as relação entre adultos e crianças, e também significados sobre o que é ser adolescente, ser criança, diferenças entre educação infantil e ensino fundamental. A sexualidade e a violência também são temas presentes nas falas das crianças, o primeiro aparece quando manifestam o interesse pela paquera e quando relatam sobre os meninos espiando o banheiro, e o segundo, quando relatam sobre a “gangue”.

Além disso, com o intuito de ouvir o que as crianças têm para nos dizer sobre a educação Infantil, este trabalho conseguiu abarcar a memória como uma possibilidade de estudo das culturas infantis, possibilitando um entendimento da construção de significados marcados pela fantasia e pelo lúdico, dentro dos diferentes tempos vivenciados pelas crianças desta pesquisa, mesmo que estes tempos estejam se misturando na fala das crianças, evidenciando a construção das identidades das mesmas, uma vez que a memória se modifica conforme os sujeitos vão mudando.

Realizando este trabalho, percebi o quanto as pesquisas nessa área precisam ser mais exploradas, pois as vozes desses sujeitos ainda são muito pouco reconhecidas. Percebi que se nos dermos a oportunidade de ouvi-las, podem nos proporcionar um outro olhar para o mundo, o olhar da criança. Assim, podemos conhecer seus desejos e sentimentos diante das situações proporcionadas dentro e fora da escola. E para escola, seria muito interessante conhecer os desejos e o que pensam suas crianças para mudarem suas práticas pedagógicas.

Cabe deixar como uma reflexão, algumas considerações de Delgado e Muller sobre os desafios que os estudos voltados para as produções e manifestações culturais das crianças têm para prosseguir e a relação que estes estudos tem com a Educação:

No Brasil temos um longo caminho a percorrer, no que se refere às pesquisas sobre as crianças, suas experiências e culturas. O campo da Sociologia da infância tem-nos ensinado que as crianças são atores sociais porque interagem com as pessoas, com as instituições, reagem aos adultos e desenvolvem estratégias de lutas para participar no mundo social. Mesmo assim, ainda necessitamos construir referenciais de análise que permitam conhecer estes atores sociais, que nos apresentam inúmeros desafios, seja na vida privada ou na vida pública. (Delgado e Muller, 2005).

Nosso principal desafio é romper com estereótipos e preconceitos sobre as crianças e suas culturas, para nós ainda estranhas exóticas. O enfoque tem sido compreender as diferenças com uma perspectiva de falta ou carência de algo, o que a traçar modelos de educação, de organização do espaço e tempo das crianças, embora não haja estudos considerando o que pensam as crianças sobre as nossas pedagogias.

As decisões educativas são tomadas por adultos/as, que colocam em obra os programas e políticas curriculares, retratando representações freqüentemente estereotipadas sobre as crianças. Nossas pesquisas apresentam quase sempre análises indiretas sobre as infâncias. Pesquisamos as escolas, os currículos, a avaliação, os/as professores/as, mas a criança têm sido pouco observada como atores principais da sua **socialização**. Isso teve e tem repercussões na própria produção acadêmica, nas noções de ciência que temos adotado e também pode provocar um outro debate: Por que existem poucos estudos sobre as crianças a partir das suas vozes e ações? (Delgado e Muller, 2005)

## Referências

- ALVISE, L. de C. *Memórias de Infância (s) em tempos de velhice*. Faculdade de Educação, Unicamp, 1996. Trabalho de Conclusão de Curso.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- COHN, C. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CORSARO, W.A. *Entrada no Campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. *Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade* – vol.26. n.91 (2005) – São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, 2005.
- DEMARTINI, Z. de B. F. *Infância, Pesquisa e Relatos Orais*. In. FARIA, A. L. G de., DEMARTINI Z. de B. F., PRADO, P. D. (orgs.). *Por Uma Cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- FERNADES, F. *As Trocinhas do Bom Retiro*. In. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1979. p153-256.
- FERNANDES, R. S. E PARK, M. B. *Lembrar- esquecer: trabalhando com as memórias das crianças*. *Caderno Cedes*, Campinas, vol.26, n. 68, p. 39-59, jan./abr. 2006
- FINCO, D. *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação Infantil*. *Pró-posições*, vol.14, n.3 (42), set/dez 2003.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. D. A. *Pesquisas em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, J. de S. *O massacre dos inocentes – a criança sem infância no Brasil*. 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- MÜLLER, F., DELGADO, A. C. C. *Apresentação: Sociologia da Infância?*. *Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade* – vol.26. n.91 (2005) – São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, 2005.
- NASCIMENTO, M.E.P. *Do adulto em miniatura à criança como sujeito de direitos: a construção de políticas de educação para a criança de tenra idade na França*. Faculdade de Educação, Unicamp, 2001. Tese de doutorado.
- NEGRÃO, A.M. *Infância, educação e direitos sociais: asilo de órfãos (1870-1960)*. Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 2002. Tese de doutorado.

PLAISANCE, E. *Para uma sociologia da pequena infância. Educação e Sociedade*, Campinas, n.86, p.221-241, jan./abr.2004.

QUINTEIRO, J. *Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos*. Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 2000. Tese de doutorado.

\_\_\_\_\_. *Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção*. In: FARIA, A.L.D. de; DEMARTINI, Z. de B.F. e PRADO, P.D. (orgs). *Por uma cultura da infância: Metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002. pp.19-47.

REIS, M. *Ela ficava fazendo cerimônia!!! Entrevistando Jovens falando da infância*. In: FARIA, A.L.D. de; DEMARTINI, Z. de B.F. e PRADO, P.D. (orgs). *Por uma cultura da infância: Metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002. pp.113-130.

SARMENTO, M. J. *Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*: Revista de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade – vol.26. n.91 (2005) – São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da Infância: Correntes, problemáticas e controvérsias*. Sociedade e Cultura 2, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia, Vol13 (2), 2000.

SIMSON, O. de M. Von (org). *Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)*. In: São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

**Anexo**  
Diário de Campo  
Roteiro de Entrevista  
Entrevistas

## **Diário de Campo**

Após ter conseguido a autorização da professora e da diretora para realizar minha pesquisa, reencontrei as crianças com as quais estagiei em 2005. Elas me reconheceram e me indagaram sobre a minha presença na escola. Queriam que eu estagiasse novamente com elas. Aproveitei esse momento para dizer que iria fazer um trabalho bem gostoso na turma delas. Elas ficaram ansiosas para saberem qual seria esse trabalho.

Antes de iniciar a conversa com as crianças sobre suas vivências na educação infantil, expliquei que havia escolhido a turma deles para participarem do meu último trabalho de faculdade para eu poder ser professora. Para eu fazer esse trabalho, teríamos que conversar sobre as lembranças deles de quando estavam na educação infantil. Ressaltei que só poderiam fazer esse trabalho com quem quisesse participar, e para a minha surpresa, a classe toda ficou empolgada e aceitaram participar da minha pesquisa.

Após essa conversa, fiz um preparo com o livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” com o objetivo de estimular a memória das crianças e motivá-las a falar sobre suas lembranças. Escolhi este livro, inspirada no artigo de Fernandes e Park. O personagem do livro monta uma cesta de objetos que para ele significava memória, no intuito de resgatar a memória de sua amiga do asilo.

Considerando a história do livro, propus para as crianças uma brincadeira: fazer como o personagem do livro. Após a leitura do livro fiz a proposta: Brincaríamos de ser o Guilherme Augusto, pois iríamos vasculhar as nossas lembranças e montaríamos a nossa caixa de memórias para lembrarmos de nossas brincadeiras na educação Infantil. Desta maneira, nós iríamos entrar em nossas cabeças, buscar as nossas lembranças e conhecer as dos amigos também.

A reação das crianças foi de muita empolgação, fizeram muitas perguntas como ‘Pode ser caixa de sapato?’ ‘Eu posso colocar o que quiser na caixa?’ ‘eu posso colocar foto, brinquedo?!’ ‘e biquíni, pode?!’. Este primeiro encontro com as crianças não durou mais do que meia hora, mas foi o suficiente para as crianças se interessarem pela

pesquisa. Combinamos que nos encontraríamos dois dias depois com as nossas caixas de memória.

No dia combinado, conversei com a professora e perguntei como foi a reação deles após a minha saída da sala no dia em que li o livro. Mais uma vez obtive uma resposta que me surpreendeu: no dia seguinte, as crianças já vieram conversando sobre as suas caixas dizendo que já haviam feito.

Entrei na classe e as crianças estavam todas empolgadas, falantes, já querendo me mostrar as suas fotos. Pedi que sentássemos em roda no chão e rapidamente, com a ajuda da professora, nós tiramos as carteiras do centro da sala. As crianças se sentaram no centro da sala com suas caixinhas. Havia vários tipos de caixas: de sapato, lancheiras velhas, cestas com celofane, caixinhas grandes, pequenas, enfeitadas.

Após sentarem em roda, expliquei que como esta conversa faz parte do meu trabalho de faculdade, eu precisava gravá-los e filmá-los, sendo assim precisava da colaboração de todos, para respeitarem o colega quando este estivesse falando. No entanto, a coordenadora e a diretora da escola não concordaram com a filmagem quando viram que a faria. Apesar de a diretora ter me autorizado, pensou que a coordenadora já havia acertado esta parte das autorizações comigo e disse que de forma alguma eu poderia estar gravando sem autorização dos pais.

Sendo assim, voltei para a sala e precisei interromper o trabalho. Conversei com as crianças para explicar o porque não poderia estar gravando sem a autorização dos pais delas. Algumas crianças já desanimaram quando eu propus fazer este encontro depois que eu tivesse as autorizações. Outras me apoiaram como: “professora, eu to aqui, eu participo de novo”.

Após três semanas consegui as autorizações e um horário com as crianças que foram autorizadas. Infelizmente o horário não foi muito bom, pois as crianças já estavam bem agitadas, uma vez que já estavam no fim do período e da semana, sexta-feira as 16h. Eu fui com 15 crianças autorizadas que estavam presentes no dia para uma sala de aula de aula vazia. No início eles se sentaram em roda como havia pedido, mas só foi a primeira criança começar a falar que a atenção do grupo começou a se dissolver. As crianças começaram a ficar muito ansiosas para falar e não conseguiam

esperar os colegas falarem. Enquanto uma criança falava comigo, foram se formando focos diferentes de conversas, nas quais percebia que mostravam suas caixas para os coleguinhas, ou conversavam sobre assuntos diversos, brigavam, brincavam.

Alguns ficaram impacientes: "tia... eu quero falar!!!".

Neste grupo apenas duas crianças não estudaram no (...), sendo assim, muitas crianças queriam falar ao mesmo tempo. A solução que encontrei no momento foi conseguir a atenção de alguns e deixar as outras que estavam mais desconcentradas ou desinteressadas escrevendo na lousa, ou saírem para voltar para a sala com as professoras delas. De quinze crianças, apenas sete participaram contando sobre o que faziam na escola, sendo consegui a atenção destes ao mesmo tempo por apenas poucos minutos. Este primeiro encontro durou 40 minutos, até as crianças ficarem bem agitadas.

A caixa de memórias foi uma opção que trouxe contribuições, mas também atrapalhou em determinados momentos. O objetivo de incentivar as crianças a buscar suas lembranças foi alcançado. A maioria estava ansiosa para mostrar suas fotos, brinquedos, desenhos, cadernos. No primeiro momento, quando perguntava sobre as professoras, se lembravam dela, a resposta para a maioria foi negativa.

Nesse primeiro encontro, as crianças falaram mais das brincadeiras. Foi muito interessante perceber como eles analisam os fatos, as travessuras, as regras da escola com marcas das pessoas que eles são hoje, pois quando eu os indagava, eles construía as respostas com bases nas vivências atuais deles.

Algumas tinham fotos de coleguinhas, mas não lembravam nomes, apesar de lembrarem o que faziam juntos.

Outro fator que contribui para deslanchar a conversa, foi o fato de a maioria das crianças terem estudado juntas, pois quando uma começava a falar sobre as brincadeiras e travessuras, outras complementavam.

Com relação à professora: uma menina tinha uma foto da professora, mas não lembrava muito bem dela, nem o nome, mas quando perguntei se a professora brincava com elas, e menina respondeu: "brincava ... ela ajuda a gente nas atividades". Interessante observar que a imagem que ela lembra da professora está relacionada com as atividades, o que me remete a concepção escolar.

Por outro lado, as caixas de memórias desfocaram a atenção das crianças que não conseguiram mostrar sua caixa no início do encontro. Enquanto uma criança estava falando de uma foto para mim, a outra queria me mostrar uma atividade, ou fotos delas. Aquelas que estavam mais impacientes para falar logo e não tiveram atenção, ou ficavam mostrando os seus objetos para o colega, ou andava pela sala, me pedia para ir ao banheiro, ficavam brincando pela sala, corriam. Essa estratégia teria sido mais bem aproveitada, se o grupo de crianças fosse menor, e fosse no início do período.

Quando percebi que as crianças já estavam muito dispersas, resolvi combinar com elas novas entrevistas, mas com grupos menores. Elas concordaram e pediram para eu voltar na quarta-feira, além de dizer com quais pessoas queriam estar junto para falar. Sendo assim, perguntei para a professora e orientadora se seria possível conversar com grupos pequenos. No entanto, elas não concordaram, pois atrasaria o conteúdo das crianças e atrapalharia o planejamento da professora. (Percebi hostilidade das duas pessoas. Elas não gostaram muito da idéia de eu ir de novo na escola. Elas me chamam o tempo todo de estagiária, e tratam a minha pesquisa por estágio. Quando disse que seria melhor entrevistar as crianças em pequenos grupos, elas me disseram: "... se não atrapalhar muito a professora ... " "eu tenho que pensar nas crianças primeiro, elas tem que aprender um conteúdo" "você vai ser professora, tem que saber controlar as crianças ... você tem que se virar com elas" "se não, não vejo sentido no seu estágio". (nesse momento disse que não era um estágio e sim uma pesquisa, a resposta que obtive foi: "então, na pesquisa você vai ver isso, a dificuldade que o professor tem para fazer as coisas" " se não, não entendo .. você faz pedagogia para dar aula, não é?"

Com esta primeira experiência percebi que é muito difícil fazer um trabalho deste tipo com um número grande de crianças, mas também percebi como a concepção de educação, de pesquisa e de crianças das professoras, gestora e coordenadora influenciam no caminhar da pesquisa.

Apesar de ter conseguido poucos minutos de atenção das crianças, elas ficaram bem a vontade para falar sobre as suas travessuras para enganar os pais e as professoras,, *sobre suas brincadeiras, paqueras*. As crianças estavam bem à vontade para contar seus "segredos".

A primeira entrevista aconteceu em uma sexta-feira, no último horário do período, o que dificultou a conversa com as crianças, pois elas estavam bem agitadas. Para a segunda entrevista, consegui mais tempo na primeira aula e parte da segunda aula deles. Elas estavam mais calmas, mas começam a conversar mais quando começa a dar 20 minutos de conversa. Como conversam em muitos momentos ao mesmo tempo, isso prejudicou na transcrição, pois não conseguia entender o que falavam. Apesar disso, consegui bastante informação sobre as experiências deles em pouco tempo.

## **Roteiro de entrevista**

Considerando as categorias levantadas nesta pesquisa - relação entre adulto/criança, criança/criança, menino/menina - elaborei algumas questões com o intuito de abarcá-las:

- Vocês lembram das professoras? Qual o nome delas?
- Do que vocês mais gostavam?
- Lembram dos amiguinhos?
- Algum ainda é seu amigo hoje?
- A professora brincava com vocês? Do quê? Você gostava?
- Qual a brincadeira que você mais gostava?
- Você brincava com os meninos? E com as meninas? Do quê?
- Menino brincava com menina? Por quê?
- O que vocês lembram da escola que os deixaram mais felizes? E mais tristes?
- Como era a escola de vocês? (descrever o espaço)

## Transcrição da Entrevista

**Entrevista de dois dias com as crianças após ter realizado a atividade com de leitura do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*:**

Dia Um:

Comecei falando que iríamos falar sobre quando eles eram pequenininhos, a menina D começou a falar:

D:- eu entrei na escola com oito meses... Não era creche! Era escola! Era particular. (falando para a turma, quando estava falando da diferença de idade entre creche e escolinha)

**Eu: Você fez creche?**

D: Não. Eu fui direto na escola.

**Com quantos meses?**

D: Oito meses! Na escola que eu ia já podia ir até com cinco meses

**E como chamava a escola?**

D: Sonho Meu.

**E é aqui perto?**

D: não, fica lá no padre Anchieta.

**E você lembra das professoras?**

D: não.

**Você não lembra das professoras?**

(sinal com a cabeça de negação)

D: eu entrei com oito meses e fiz até o jardim dois e depois eu fui pra escola da mesma diretora só que era do pré ate a sétima série.

**E nessa escola que você estudou até a sétima série, você lembra de alguma professora?**

D: eu lembro... Era Patrícia.

**Você gostava dela?**

D: gostava

**E o que você mais gostava da professora?**

D: Ela era legal.

**Por que ela era legal?**

D: porque ela deixava desenhar bastante... Sexta feira não tinha lição, a gente só ia no parquinho, depois ficava fazendo desenho.

**Isso era o que você mais gostava da professora?**

D: era... Eu tenho uma cola colorida até hoje!

**E você lembra dos amiguinhos?**

D: não

**Você não lembra dos amiguinhos de onde você estudava?**

D: de alguns.

Br: nossa... eu tenho amigo da escola desde quando nasci ( momento *confuso de entender para transcrição*)

Be: aa eu tenho amiga desde os dois anos

... (a D mostra o bichinho do mc donalds que ela levava na escola desde quando tinha cinco anos. Primeiro duvidam, dizendo que não existia ..depois concordam.

**Você brincava bastante na escola?**

D: brincava... eu entrava de manhã .. de manhã eu brincava e de tarde eu estudava

**E do que vocês mais brincavam?**

D: de parquinho e de brinquedo

**E você brincava com os meninos?**

D: não!!

**E quando você brincava com as meninas, você brincava de que?**

D: de Barbie .. e eu era muito bagunceira.

**J onde você estudava?**

J: No (...)

**E você lembra de muita coisa?**

J: pouco.

**Pouca coisa? Você lembra da professora?**

J: não.

**Você lembra se ela brincava com você?**

J: lembro.

**Do que a professora brincava?**

J: (não diz nada).

**Tem alguém aqui que era da mesma turma dela?**

*(pergunta para outra aluna da mesma turma)*

**E você lembra do que a professora brincava com vocês?**

B: aa ela ajudava a gente também afazer tarefa, sabe?

**Então tinha tarefa então?**

B: Tinha... Às vezes ela dava lição de casa.

B: Tinha uma árvore enorme que a gente brincava lá.

**Vocês brincavam do que na árvore?**

B: a gente se escondia lá, né? A gente brincava de mamãe e filhinha. Essas coisas!

**Como que era brinca de mamãe e filhinha?**

B: É só fingir que a gente é mãe, filha, tia.

**E como que você fingia? Você imitava alguém?**

B: Não... A gente imitava a mãe!

**Você imitava a sua mãe?!**

B: Ahan... E a gente ainda brinca disso!

**E é diferente de quando vocês brincavam na escolinha?**

B: Não... Quase não!

**Quase não é diferente?**

B: É!

**Tem mais fotos que você quer me mostrar?**

B: Tem! Tem essa daqui! Que eu não lembro muito bem onde é! Eu acho que é a minha casa. Ela tava diferente! É por que ela ainda não tinha construído tudo!

**Aaah é a sua casa?!**

B: É... Eu acho que sim! Eu não me lembro muito bem!

**Mas essa foto ajuda lembrar?**

B: Um pouquinho.

*(pulei alguns segundo no intervalo dos 12 minutos - confuso para entender).*

B: Essa é a K. Ela ainda é a minha amiga desde o Pré! Ela mora lá no Village comigo!

**Aaaah! Ela mora perto da sua casa!**

B: Ahan

*(pulei o intervalo entre 13 e 14 minutos... ela fala da foto da família... fala que os pais são separados e com quem mora)*

B: Essa daqui era a minha melhor amiga: Ana Paula!

**E por que ela não mais a sua amiga hoje?**

B: É por que eu não sei onde ela mora... Eu acho que... Eu fico ligando todo dia e o telefone não atende!

**Aaaaa... Tem mais foto?!**

B: Tem! Essa aqui ó...

**Essa é a professora?**

B: Ahan

**E como ela chama?**

**B: Aaa eu acho que é Estela.**

Gente!!! Quem estudou no (...). Ela tem uma foto aqui de uma professora! Vê se alguém lembra! *(nesse momento perdem a atenção e tenho q parar para falar com eles. Depois B volta a mostrar as fotos)*

B: Essa daqui ó.. eu acho q eu ela estuda aqui, eu não me lembro muito bem, mas eu acho que ela já tá crescida!

**Ela estuda aqui?**

B: Eu acho que sim!

D: Parece a Rafaela da primeira série!

*(Algumas crianças estavam bem agitadas, não estavam mais sentadas nas cadeiras da roda, estavam escrevendo na lousa, andando pela sala, brincando, enquanto eu falava com a B, só a G e a M prestaram atenção. Então pedi para pararem e se aproximarem de mim... consegui mais um pouco da atenção deles nesse momento... aproximaram-se e o X reconheceu a professora na foto! Aproveitei esse momento para perguntar novamente para eles se mais alguém lembrava da professora).*

**Alguém lembra da professora? Olha a foto! *(alguns levantaram a mão)***

**Ela brincava com vocês?**

Todos: Brincaaava!!

D: Eu nunca vi essa mulher na minha vida! *(não estudou no .... )*

*risos*

**Aahhh, mas eu quero saber do que ela brincava com vocês!!**

Br: De paninho chão!

**Que brincadeira é essa?**

Br: a pessoa tem que ficar correndo atrás da outra quando ela descobre que coloca alguma coisa atrás dela!

D: Ôô tia tem gente rabiscando a lousa!

*(Nesse momento, alguns meninos estavam vendo alguma foto dizendo: Nossa! Essa aqui? que horrorosa! Essa é ridícula!)*

B: Esse daqui ó... É um trabalhinho que a gente fazia, né? A gente rabiscava assim, mas dai eu fui tentando, fazendo,. ai eu consegui fazer tudo isso!

**E onde você fazia esse trabalhinho?**

B: Aaa.. Na sala de aula...!! Às vezes lá fora!

*(Enquanto isso, as outras crianças ainda estavam falando daquela foto de alguém feia! " é a C!" " não, não é! " é a mãe dela")*

*(pulei entre os 18 e 19 minutos)*

**E me contem! Vocês ficavam de castigo na Educação Infantil?**

A maioria responde junto: Eu ficava, eu ficava!!

Br: Aaaa ta bom, tá bom!! Castigo era muito pior do que aqui! Não é?

**Era pior do que aqui Br?**

Br: Por que a gente ficava sem sair e a gente tomava o lanche dentro da classe!

**Tomavam lanche da classe?**

G: É verdade!!

**E vocês ficavam bravos?**

T: ahan, ahan

Br: Aaa tá.. Dava vontade de quebrar a escola, só!

M: Eu ficava com o Br!

E o que vocês conversavam entre vocês? O que vocês pesavam quando a professora dava castigo?

Br: que a professora é muito chata!

G: Depois fala que é legal, depois fala que é chata, depois legal, só porque não deixa fala de chato e quando deixa fala que é legal! Isso muda cada hora!! Quando deixa de castigo é chata!

M: Outro dia chamei a professora de chata legal!

**Ei! Quando a professora era chata e quando ela era legal?**

Br: quando ela era chata...

X:...Quando todo mundo tava conversando

Br: É... Quando a gente obedecia ela, era legal e quando a gente desobedecia, ela era chata!!

B: Comigo ela nunca foi chata! Ela sempre foi legal!

**E você já levou castigo?**

B: Não!

**Você era boazinha?**

Br: Eu chamava ela de "fessora"!

B: Tem gente que chamava ela de tia!

Olha... Por que será que com ela a professora nunca foi chata e com vocês ela era chata?

N: Porque ela nunca fez bagunça!

Br: É... Porque aqui ela leva bronca toda hora porque fica conversando!

**Agora me fala! O que era fazer bagunça?!**

B: Desobedecer!

Br: Ééé fazer coisa que não pode! Coisa que não pode!

**Vocês gostam de fazer coisa que não pode?!**

Br: De vez em quando!

X: Eu não

**E por que vocês fazem coisa que não pode?**

Br: Porque a gente não pensa. A gente não pensa

B: Eu não! Eu não faço, o Br faz!

X: Eu só faço quando não pensam que eu to fazendo!

Aaaa, você só faz coisa quando pensam que não está fazendo?

X: Ééé

**E quando você estava na ed. infantil também?**

X: Ééé... Quando não sabia, o que eu estava fazendo eu fazia qualquer coisa!

**Agora me fala uma coisa... Lá na escola... Eu quero saber umas coisas aqui que eu tô ficando muito curiosa... É o seguinte: se... Aqui nessa escola tem um monte de regra, não tem? Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo...**

Todos: Teeemmm!!!

**E lá no (...)?! Era assim também?**

Todos: Nãããooo!!!

B: Podia fazer quase tudo! Brincar, jogar bola, pular corda, podia brincar

B: Comigo ela nunca foi chata, ela sempre foi legal!

**E você, já levou castigo?**

B: Não

**Por que será que com ela, a professora nunca foi chata e com vocês ela não era legal?**

N: Porque ela nunca fez bagunça!

BR: Porque aqui ela leva bronca toda hora, porque fica conversando.

**E agora me fala... Que é fazer bagunça?**

BR: Fazer coisa que não pode.

**Vocês gostam de fazer coisa que não pode?**

BR: De vez em quando.

**E por que vocês fazem coisa que não pode?**

B: Eu não faço, o Br faz!

M: Eu não faço, só faço quando pensam que não estou fazendo!

**E na educação infantil também?**

M: É... (pulei alguns segundos)

**Quero saber uma coisa que já estou ficando curiosa... Aqui nessa escola tem um monte de regra, não tem? Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo... Lá no (...) era assim também?**

T: Nãããão!

B: Podia fazer quase tudo!!! Brincar, jogar bola, pular corda, podia brincar toda hora! Desenhar!

M: Um dia, quando eu caí da escada, a diretora fez um curativo!

B: Se alguém se machucava a diretora fazia curativo e cuidava bem quando a gente caía.

G: Não pode jogar (ou deixar jogado) brinquedo para fora... A professora não via

X: Uma vez por semana a gente andava de bicicleta... De patinete...

**E isso era legal?**

X: Ééé...

B: Tia, eu lembrei que esse desenho aqui... Chovia e a gente não podia brincar lá fora, porque senão a gente podia ficar doente e, além disso, não podia vir pra escola e aprender quase todas as matérias.

**Isso era uma regra, não era?**

**Agora eu quero entender uma coisa. Se não tinha regras (vocês acabaram de me falar que lá não tinha regras)...**

B: Tiiiiinha!

G: Tinha pouco...

**Mas se não tinha regra por que vocês ficavam de castigo?**

B: É que a gente fazia coisa errada.

BR: Porque a gente não sabia o que ia na regra.

B: É que lá podia fazer quase tudo, então fazia coisa errada! Aí era contra a lei!

M: A gente não sabia o que podia fazer e o que não podia.

B: Nãããão, as regras foram faladas na escola!

BR: Lá podia levar lanche todo dia.

G: Professora, quando eu não queria ir na aula eu fingia que ficava doente e ligava pra minha mãe pra eu ir embora!

**Gente, péra aí, o G falou que quando ele não queria ir na aula ele fingia que ficava doente!**

M: Eu fazia isso!

**Quem fazia isso?!**

B: Eu não fazia, porque não sou mentirosa!

**Tinha algum truque que alguém fazia mais?**

B: Eu não fazia, porque eu queria estudar!

**Que você fazia pra não ir na aula? (para M)**

M: Ah, eu fazia que eu tava mal e daí a tarde eu ficava brincando. Eu falava que eu melhorava!

**E você, o que você fazia pra matar aula? (para B)**

B: Ah, eu não fazia nada porque eu não gostava, eu gostava mais de ir pra escola brincar com as amigas. Quando eu ficava doente de verdade aí eu queria ir pra escola, não igual eles que só queriam ficar em casa. Eu quero estudar... Eu quero estudar pra passar de ano.

BR: Quando eu não queria, eu colava a mão na minha barriga e caía no chão!

**E você, fazia alguma coisa pra não ir na aula? (para N)**

N: Não... Também queria ir na escola pra também passar de ano.

E você, G, que você fazia?

G: Eu queria ir pra escola.

M: Professora, eu pus Sorine no olho!

G: Eu fecho assim bem forte!

BR: Eu vou beber água e coloco as gotas aqui, colocava a mão na minha barriga e caía no chão.

BR: A gente juntava uma gangue lá, tinha até gangue lá... A gente juntava até gangue lá pra bater nos outros... Formava até gangue, pra bater nas meninas, e nos moleque chato. Só porque um moleque roubou a espada de brincadeira do outro aí a gente pegou e meteu (gesto de soco)

**Nossa! To interessadíssima nisso! Vocês faziam gangue?! Péra aí, as meninas sabiam disso?**

Todos: Sabiiia!

**Onde, no (...)?!**

Todos: Éééé!

**E como era essa gangue, me conta!**

N: Ô tia, ô tia, eu e a C ficava batendo nos meninos!

**Peraí, como vocês organizavam essa gangue? BR me conta: Você fazia parte dessa gangue?**

BR: Eu era o líder. (cheio de orgulho)

**Você era o líder da gangue?!**

BR: Não era? (pergunta para outro) Quando eu faltava era o M, quando ele faltava era o G.

**O que essa gangue fazia no (...)?**

BR: Quando alguma coisa sumia a gente ia ver se era roubado. Aí a gente ia perguntando. Quem não queria responder a gente prendia e fazia assim ó! (gesto de ameaça de soco) Aí a pessoa achava que a gente ia bater nele e contava tudo.

**Agora me conta, vocês faziam isso porque vocês brincavam de gangue?**

BR: A gente brincava e resolvia problema, de verdade.

**Vocês faziam porque era sério ou porque era brincadeira?**

BR: Era sério e brincadeira.

**Mas as pessoas achavam que era brincadeira ou que era sério?**

BR: A gente fazia sério, mas depois falava que era brincadeira.

**E a professora?**

BR: E aí ela apoiava, até!

**A professora ajudava?**

M: A gente subia na árvore...

(segundos confusos para compreender o que falavam)

BR: Quando a professora não apoiava a nossa gangue, que a gente tinha, a gente fazendo ameaça a alguma pessoa, a gente subia na árvore e ela passava reto.

**Quem passava reto? A professora?**

Meninos: É, é!

**Agora péra aí, a professora achava que a gangue de vocês era brincadeira?**

Meninos: Era, é, é!

**Vocês enganavam a professora?!**

Meninos: A-ham!!!

*(no mesmo tempo dessa conversa, B me mostra o seu caderno e diz que era quando eles estavam aprendendo a escrever).*

B: Tia! olha aqui quando eu estava aprendendo a ler. A professora ajudava (me mostrou um caderno com desenhos de árvore, abacaxi e abelha, junto com nome de cada desenho, a mesma letra do nome dela).

**Você estava aprendendo escrever, então?**

B: A-ham!

Br: uma vez eu joguei uma pedra no cacho de zangão, dois me picaram aqui no pescoço e quatro aqui na minhas costas ... eu quase morri! Eu só peguei dois .. porque a minha blusa era grossa, por causa disso!

M: O Br, a gente ainda vai formar a gangue de nove, né?

Br: a nossa gangue já ta montada já!

G: o grupo vai ser eu, M, o Br

**Qual a vantagem de ter gangue?**

Br: não,mas na gangue daqui a gente não vai bater em ninguém! Só vai correr atrás de pessoa e correr, sem bater.

**E da onde veio essa ideia de montar uma gangue?**

Br: aaa do nosso cérebro, né?

**Mas vocês viram em algum lugar?**

G: na televisão

M: ÉÉÉ .. teve aquele filme que a gente assistiu e a gente tirou a déia de lá.

**E mesmo quando vocês eram pequenininhos, vocês já pensaram isso?**

M: não, a gente era um pouco maior.

Br: cinco anos! Cinco anos!

Br: mas quando tava no último ano, no prezinho, lá no (...) vigiando a classe pra ninguém entrar, principalmente as meninas, né? Se não levava também!

L: eu deixava as meninas entrar na classe

M: a gente montava clubinho!!

(os meninos começam a falar que as meninas também tinha um grupo)

Br: a gente chamava a delas de clube rosa!

Alguma menina: Cor de rosa é vocês!!

Br: Cluuuube Rosa!

**Vocês que davam o nome pra elas de Clube Rosa?**

Meninos: a-hamm

Br: E o nosso a gente chamava de pancada na cabeça!

G: Eu não lembro disso

Br: Pancada na cabeça, pancada na cabeça!

*(Ma vem do meu lado para falar comigo sobre como fazia pra não ir a escola)*

M: Tia! pra mim não ir na escola, a minha mãe deixava a mamadeira aqui do meu lado! Eu enfiava o termômetro dentro dela e ficava quentinho e dizia que tava com febre!!

**Alguma menina tinha gangue aqui?**

Br: ta bom, nois levava, nois levava.

Br: O nosso era todos os meninos da sala, menos os tímidos, como o A e o R.

**Todos os meninos da nossa sala eram da gangue, menos o A e o R, porque eles são tímidos. E o resto da nossa gangue foi pra de manhã.**

N: a gente ficava batendo neles!

**N, porque vocês batiam neles?**

N: aaa porque eles ficavam colocando apelidos na gente

M: A gente colocou o apelido nela de banguela!

L: O tia! A gente ficava chamando a B la da primeira serie de Peru assado! Porque ela parecia um peru, dai a gente chamou de peru assado!

*(já estava no final e começaram a perder a atenção, falando junto, ficou muito difícil de conseguir entender)*

## SEGUNDO ENCONTRO COM AS CRIANÇAS -

Nesse segundo encontro, tinha algumas crianças que não estavam no primeiro. Como o número de crianças estava grande, resolvi não adotar a roda, pois da ultima vez que sentaram em roda, eles levantavam muito.

Dessa vez, pedi que eles sentassem na carteira, em dupla.

Para este segundo encontro, eles não levaram as caixas. Então resolvi começar falando de alguma memória minha de quando estava na educação infantil, para propiciar um clima voltado para as memórias na mesma entre as crianças. Levei um álbum de fotos, de um aniversário que comemorei no Pingo de Gente, escola onde realizei a educação infantil

**Esse albinho de foto tem a foto da Giselle, eu, pequenininha, desse tamanhinho assim, com ... devia ter uns cinco anos, quatro anos. A primeira foto era uma foto minha abraçada com um menino que eu gostava.**

Crianças: noooossa! risos (pediram pra ver de perto)

BR: Eu vou falar pro seu pai.

**Meu pai sabia!**

**Esse dia ... Porque vocês acham que eu to abraçando esse monte de gente aqui?**

Todos: Era seu aniversário!!

**Era meu aniversário na Escolinha. A salinha era toda enfeitada e cheia de cadeirinha**

Br: olha o tamanho dela! Maior que a nossa classe!

Menina: da pra ver você nessa foto?

Br: professora!!

**Viu, eu já fui criança!**

G: todo mundo já foi criança!

Menino: Eu sou pré-adolescente!

**Peraí, agora me conta, porque vocês não são mais crianças?**

Br: Eu sou criança!

Menina: Eu sou pré-adolescente, por que já sou grandona!

**Por que vocês se consideram pré-adolescente?**

Br: Eu não!

G: Por que eu não faço mais coisa de criança!

L: Só daqui a quatro anos eu vou ser pré-adolescente

**Aaaa ele falou que não faz mais coisa de criança. O que é fazer coisa de criança?**

Crianças: Brrriincar!!

**Brinca .. Brinca de que?**

Menino: de pega-pega

Menina: de boneca

**C! Que é brincar?**

C: brinca de divertir, de correr, pula corda, brinca com carrinho.

E será que o G não brinca mais disso?

G: eu não.

Crianças (meninas): aaaa ele brinca sim! Com carrinho!

Br: éé você brinca de pega ladrão, não brinca? brrriinca sim!

hahaa ... Futebol!!

G:Futebol, adulto também joga!!

**Então o que é fazer coisa de pré-adolescente?**

Br: sair! sair de casa sem ninguém se preocupar.

M: dirigir carro! Estudar!

Br: sair de casa sem ser perturbado!

G: Eu saio de casa sozinho, atravesso rua sozinho, vou na casa do meu amigo sozinho.

**A G me chamou para me dizer que foi visitar uma professora dela do (...)**

**Porque você sentiu vontade de visitar ela?**

G: por que eu tava com saudade

**E o que você falou com ela?**

G: um monte de coisas!

**Fala um pouquinho pra gente o que você falou com ela**

G: eu não lembro

**Você falou pra ela o que a gente tava fazendo aqui?**

G: Falei.

*(comentei que sexta feira eles tinham me contado sobre muitas coisas que me deixaram curiosa)*

**O Br me falou que vocês, os meninos tinham uma gangue no (...)!Tinha mesmo?**

Meninos: tinhaa (concordam com a cabeça!)

Br: tem até hoje!

*(pulei alguns segundos, dificuldade para entender eles falando junto)*

**... Fiquei lá em casa pensando assim, porque será que eles fizeram gangue?**

**Ai o Br virou e falou assim pra mim que eles tinham gangue pra resolver os problemas.**

**Sabe o que eu me perguntei?**

**... Porque que eles queriam resolver os problemas? e que era problema?**

Meninos: As meninas!!!

Meninas: não, não, não é! Eram os meninos que eram o problema!

E: O tia .. a gente ta quietinha lá na mesa comendo, eles vêm lá e batem na nossa cabeça!

*(conversam ao mesmo tempo, não da pra compreender direito).*

**Agora me fala uma coisa: Porque que as meninas eram um problema?**

Br: Porque elas irritavam a gente!

**Por que elas irritavam vocês?**

Br: Por que elas iam provocar a gente!

M: lá tinha piscina e elas não queriam entrar na água, né? Dai a gente pulava perto delas, daí elas se molhavam todas!

Br: Lá no (...) a gente sempre arrumava alguma coisa pra fazer e elas não... Ficavam provocando a gente

**E por isso que vocês não brincavam juntos?**

*(todos falando ao mesmo tempo. Pulei alguns segundos)*

**Já que o assunto era sobre o que vocês não gostavam... do que vocês não gostavam no (...)?**

y: Eu não gostava das meninas, elas ficavam irritando a gente!

**Por que ela irritava?**

....

**M, o que você não gostava no (...)?**

M: dos meninos!!

**Porquê?**

M: Porque a gente tava quietinha, eles pulavam na piscina, só pra gente se molha!

**O que acontecia na escola, além dos meninos que vocês não gostavam?**

M: Eu sei! Da diretora e da dentista!!!

Br: Da dentista eu gostava!!

**para M: porque que você não gostava da diretora?**

M: ela era muito chata!

**Porque que ela era muito chata?**

M: Porque ela é chata!

G: porque ela ficava judiando da gente... não deixava nós sair, demorava muito, por isso que era chato.

Br: Eu gostava porque toda vez que eu ia lá, a pasta que ela colocava na escova era de morango ou de tuti-fruti. (se referindo a dentista)

**Para M: e porque você não gostava da dentista?**

M: era chata.

C: no dia de piscina no (...), eu esqueci que era dia

de piscina, né? aaii a professora ligou pra minha mãe, né? aii a minha mãe autorizou eu nadar eu nadei so de calcinha (risos)

**E você, o que você não gostava no (...)?**

Juliana: os meninos!

**Porque?**

J: porque eles irritavam muito a gente.

*algum menino diz: elas namoravam escondido!*

**Me conta, por que os meninos irritavam, e o que irritavam?**

C: Eles ficavam puxando o nosso cabelo, eles eram chatos e ninguém agüentava! ... Eles espiavam a gente no banheiro!

Algum menino: mentira! Mentira!

M:: professoral! Mentira porque na frente da entrada tinha uma parede!

**Mas então os meninos tentavam ver as meninas no banheiro?**

Meninas: ééééé

Alguma menina: pela fechadura lá!

M: a porta ficava aberta! A porta não fechava!

**Agora eu quero saber uma coisa: se as meninas sabiam que os meninos tentavam espiar elas no banheiro, o que vocês faziam... o que vocês faziam pra resolver isso?**

C: a gente pegava, colocava alguma coisa, né? No negócio da porta.

(meninos e meninas debatem, confuso para entender. Os meninos falam que é mentira)

**Para as meninas: e vocês falavam com a professora?**

Meninas: falava (concordavam com a cabeça)

**Vocês têm certeza que falavam?**

N: falava, mas não adiantava nada!

(pulei alguns minutos confusos para entender)

**Eu quero agradecer vocês por terem participado, por terem falado da vida de vocês. E eu queria perguntar para vocês, o que vocês sentiram ao lembrar de quando vocês eram mais novos?**

Elis: Eu senti emoção!

Ana: Eu senti falta de ser mais criança.

**Porque você sentiu falta de ser mais criança?**

M: O tia, o tia eu senti falta da minha mamadeira!

**Fala G, o que você sentiu?**

G: emoção

**Você sentiu muita emoção? Fez você lembra de muita coisa boa?**

G: (gesto de sim com a cabeça)

**E o que mais? Você sentiu alegria?**

G: (gesto de sim com a cabeça)

**Foi por isso que você foi lá visitar a professora?**

G: (gesto de sim com a cabeça)

**E que tipo de emoção você sentiu?**

G: saudade... Foi em 2004 que eu estudei no (...).

**Mais alguém lembrou de alguma coisa?**

M: Quando eu peguei meus trabalhos eu falei bem assim: Eu quero voltar pro (...).

**Por quê?**

M: Porque eu senti saudade da minha professora, dos meus amigos.

**Era mais gostoso lá ou aqui?**

M: Lá!

**Por quê?**

M: A gente brincava muito lá! Aqui a gente não brinca tanto.

**E porque você sente falta de brincar?**

M: Porque um dia, né? A gente juntou todo mundo, as meninas e os meninos, né? E corremos um atrás do outro lá.

**E aqui não brinca assim?**

M: Não

G: Aqui não tem brinquedo!

**Vocês imitam a mãe e o pai de vocês quando vão brincar?**

G, M, N e L: imita! imita!!

**Vocês imitam a professora?**

G, M, Natália: não.

**Vocês imitavam quem mais para brincar?**

G: Eu imitava meus amigos.

**E vocês inventavam brincadeira, também?**

G: inventa.

**Como vocês inventavam brincadeira no (...)?**

Natália: Ah! As professoras ensinavam.

**Quem gostava de desobedecer a professora?**

(quase todas levantam a mão!).

Momentos finais muito difícil de compreender, pois falavam ao mesmo tempo. Mas depois desse diálogo, já me despedi e agradei novamente.

i

i

i